

Quadro 1. Análise de Conteúdo

categorias	Subcategorias	Unidades de Sentido
Impacto do trabalho	Saúde Física e Mental	<p>“... psicológicos. Stress. Já fui agredido três vezes aqui por reclusos. E stress, isto cansa. Psicologicamente isto cansa” (G1, p.1).</p> <p>“Sinto-me um bocado em baixo... já não tenho aquela actividade, aquele coiso de querer agarrar nas coisas e dar a volta (...) a idade já pesa. Derivado à vida pessoal também, fez-me ir abaixo. Sinto-me mais saturado” (G. 2, p.5).</p> <p>“Cansaço (...) Não que eu não reconheça que, como pessoa, nós ao fim de cá estarmos há algum tempo, tendemo-nos a fechar um bocadinho. Não em torno de nós, mas de forma a protegermo-nos, contra ataques externos. Mas vejo isso como uma arma, de auto-observação, auto-defesa. Não é propositado, acho que acaba por ser quase inato (...) tenho pedido, e sempre pedi às pessoas, que eu consiga ter este discernimento para me manter vivo, digamos, activo, para ter abertura de pensamento, perceber as coisas (...) A idade tende a deixar as pessoas rígidas” (G3, pp. 9 e 12).</p> <p>“Não” (G4, p.15).</p> <p>“Directamente à profissão, não” (G5, p.18)</p> <p>“... há dias em que me sinto mais cansada, mais stressada, tudo junto. Tem um bocado a ver com a profissão mas também com o dia-a-dia” (G6, p.21)</p>

		<p>“Não, não...” (G7, p. 26)</p> <p>“Não, nem por isso... De vez em quando, devido às noites, o cansaço é normal...” (G8, p.29)</p> <p>“Até ver não” (G9, p.31)</p> <p>“Tenho, tenho. Muito stress, muito nervoso. O nervosismo ataca-me o estômago...” (G10, p.34).</p> <p>“Se calhar o cansaço mental. Fisicamente também não é fácil” (G11, p.37)</p> <p>“Não. Penso que não” (G12, p.40)</p> <p>“Neste momento não vou ao médico que é para não me arranjar doenças” (G13, p.50)</p> <p>“... uma pessoa sente... sente dificuldade (...) Conforme a idade vai avançando uma pessoa sente-se mais cansado e, muitas vezes, stressado também (...) Os anos já são muitos, já são 30 anos de serviço e isso já é uma carreira longa, marca muito uma pessoa. E a nível de saúde, já há certos sintomas de saúde... já não tenho aquela agilidade que tinha antigamente, já tenho que fazer as coisas com uma certa calma, já demoro mais tempo a desempenhar seja a função que for, já não é aquela rapidez que havia. Consigo atingir os objectivos mas mais lentamente. Às vezes chateio-me enervo-me por ser mais lento mas as nossas forças também já não nos permitem agir ais rápido, não é?” (G14, p.49 e 50)</p>
--	--	---

		<p>“Não, para já não. O tempo que cá estou, há dez anos... A gente às vezes chateia-se um bocadinho mas não (...) Eu era uma pessoa mais alegre antes de ser guarda prisional (...) Tinha outro sentido de humor, era muito brincalhão, aliás eu gostava de contar anedotas... (...) Quando comecei a conviver com reclusos, ganhamos um carácter... endurecemos um bocado, não sei se me faço entender... (...) não nos rimos tanto, o que também é inerente à nossa profissão, somos forças de segurança temos que manter uma postura mais militarista, não há tantos sorrisos. O carácter endurece-se (...) penso que mudei bastante desde que sou guarda prisional, porque antes brincava com tudo, levava as coisas mais na brincadeira, mais no gozo, mais no sentido, agora, levo as coisas um bocadinho mais a sério” (G15, p.53, 56 e 58)</p> <p>“Às vezes com o temperamento é que fico um bocado... Mas pronto... Com o cansaço e com a situação... com o serviço, com a vida particular se anda um bocadito mais agitada, às vezes fico com o ritmo alterado mas depois com o tempo passa” (G16, p.59)</p> <p>“Não, até ver não” (G17, p.66)</p> <p>“Não” (G18, p.69)</p> <p>“Não” (G19, p.72)</p> <p>“Não” (G20, p.76)</p> <p>“... sente-se frustração. Ao longo dos anos, vê-se</p>
--	--	---

		<p>que as coisas não evoluem. Não nos sentimos realizados. Não é um trabalho de evoluir, que a gente veja que é gratificante, em que se vejam resultados (...) ao nível da hierarquia, dos chefes e isso, como ao nível dos reclusos. Às vezes até achamos que há um e outro que até são diferentes, e com quem nós, mais ou menos conseguimos ter uma relação... (...) E a gente fica a pensar se, realmente, vale a pena continuar a investir, ou a falar, e se devemos tratá-los todos da mesma maneira. É um bocado frustrante. Chegamos a uma altura em que nós perdemos o interesse. É mesmo vir para cumprir horários e porque precisamos de trabalhar para ganhar dinheiro. Mas é uma frustração porque, inicialmente, quando uma pessoa vem para os serviços tem uma ideia diferente (...) tentar melhorar qualquer coisa à nossa volta, e que, realmente, nós íamos contribuir para uma mentalidade diferente, pronto... (...) Mas ao fim de alguns anos, nós vimos que não conseguimos mudar... (...) eu não era assim, era completamente diferente (...) Eu não dizia asneiras, eu era certinha, eu colaborava com tudo, qualquer coisa que me pediam, eu colaborava (...) Tomamos uma postura muito diferente. Não sei, acho que somos mais agressivos, menos tolerantes, mais desconfiados. Sei lá... Acho que ficamos com muita coisa negativa. Também influencia a nossa família, a nossa relação com a família... (...) Acho que isso influencia-nos muito, modifica-nos muito” (G21, pp.80, 83, 84)</p> <p>“Para já não, acho que não” (G22, p.86)</p> <p>“Sinto... Físicos... canso-me muito e, acima de</p>
--	--	---

		<p>tudo, se eu me sentar um bocado adormeço. Por muitas horas que eu durma, sinto-me sempre cansado. É constante (...) Muito desmotivado, eu digo-lhe mesmo, eu venho para aqui contrariado. Muito contrariado. Eu quando comecei como guarda tinha uma ideia disto completamente diferente. No início era uma emoção, uma alegria e, ao longo dos tempos, as coisas vão-se degradando e cada vez... pronto... Não há incentivo, não há vontade... Eu cada vez que penso em vir trabalhar, parece que venho com má disposição, não sei (...) Cada vez é pior. Por exemplo, um campo de futebol, eu não consigo estar num campo de futebol junto daquela confusão toda, não consigo. O meu hobby é aquilo que eu digo, é os animais, é estar sozinho... e em casa, estar a televisão baixinha, estar lá o mais sossegado possível” (G23, pp.93, 94)</p> <p>“Até ver ainda não” (G24, p.98)</p> <p>“Sim. Uma ansiedade maior” (G25, p.101)</p> <p>“Problemas de saúde? O normal na minha idade, acido úrico, colesterol...” (G26, p.105)</p> <p>“Não, não tenho tido nada assim de especial (...) Eu tento, sempre que possa, agir de uma forma que não deixe transparecer o que é que sinto. Mas por vezes não é fácil... No início foi um bocado complicado, quando uma pessoa vem para os serviços prisionais nunca sabemos o que é isto... é um bocado complicado. Mas depois conseguimos gerir da melhor forma. Temos que ter psicologia e tal para lidar com presos, com</p>
--	--	--

		<p>directores, com subchefes, com isto e com aquilo. Facilidade de lidar com as pessoas. Soube, dentro da minha maneira de ver, lidar com este tipo de situações (...) Se nós não conseguirmos controlar a cabecinha, é complicado (...) no fundo uma pessoa tem que vir para aqui a 100% (...) já tive mais motivação para vir para o serviço porque nem todas as cadeias são iguais, nem todas as pessoas são iguais... Em certos estabelecimentos há mais camaradagem, noutros não há... Mas de qualquer das formas, tendo gerir da melhor forma, desligar-me um bocado desta situação e tentar fazer o meu serviço da melhor forma (...) eu pessoalmente, ainda não aprendi nada aqui, só desaprendi. Eu tenho consciência disso. Pensei que fosse evoluir mais um bocado a minha maneira de trabalhar, profissional” (G27, pp.109, 110)</p> <p>“Só nervosismo, é o mais evidente” (G28, p.115)</p> <p>“Ai muitos (...) ando a ser assistido por uma neurologista. E ando a tomar medicamentos, para andar mais calmo (...) cansaço, ao trabalho, aquilo que faço, à idade” (G29, p.118)</p> <p>“Devido à profissão não” (G30, p.123)</p> <p>“Sinto-me mais cansado, tem haver com a idade também, não é? Já são 52 anos, não? Mas antigamente andava sempre bem-disposto, só que ultimamente tenho um bocado mais cansado. Um bocado mais nervoso e tal mas isso também é dos cafés” (G31, p.125)</p> <p>“Não” (G32, p.127)</p>
--	--	--

		<p>“Por enquanto, até agora, não” (G33, p.130)</p> <p>“Não” (G34, p.133)</p> <p>“Com a idade estou mais cansado, não estou como quando era um chavalo” (G35, p.137)</p> <p>“Não” (G36, p.139)</p> <p>“Cansaço... depende, melhor dizendo, depende do local no qual nós estamos a trabalhar. Se for um local com menos reclusos, é obvio que nós nos cansamos menos, não é? Se for mais, e mais problemáticos, é natural que cheguemos ao fim do dia mais cansados, porque são mais os problemas a resolver (...) hoje em dia sou uma pessoa, por inerência da profissão que exerço, uma pessoa mais desconfiada, sou uma pessoa que me irrita com mais facilidade, sou uma pessoa... não tenho paciência, já não tenho paciência para aturar determinados folclores, isso para mim já não... irrita-me, aquilo irrita-me logo. O facto de exercermos esta profissão obriga-nos a ser mais desconfiados, mais atentos aquilo que a maior parte das pessoas não estão” (G37, p.141 e 145)</p> <p>“Ando com psicotrópicos, por exemplo. Já tomo há seis anos (...) stress, cansaço... cabeça cansada... vários factores” (G38, p.148)</p> <p>“Quando estou cá muitos dias, noto o meu stress no pico máximo. Qualquer pessoa nota que fico mais... até as pálpebras dos olhos, ultimamente acontece isso, a piscar... houve aí uma altura em que andava assim” (G39, p.150)</p>
--	--	--

		<p>“Não. Não, só acho que mudei um bocado a minha maneira de falar. Sou mais impulsivo. Quando dou por mim, já estou a gritar” (G40, p.159)</p>
	<p>Energia Física</p>	<p>“Já senti mais. Agora com a idade a gente também vai... Já trabalho há 25 anos” (G1, p.1).</p> <p>“Às vezes, nem todos os dias. Às vezes custame mais levantar, mas depois de levantar, pronto” (G2, p.5).</p> <p>“Nos períodos de manhã, à tarde já é mais difícil” (G3, p.9).</p> <p>“ Às vezes, outras vezes não” (G.4, p.15)</p> <p>“ Ainda vou tendo” (G.5, p.18).</p> <p>“ Sim” (G6, p.21)</p> <p>“Sim” (G7, p.26)</p> <p>“Graças a deus, até ver” (G8, p.29)</p> <p>“ Por vezes” (G9, p.31)</p> <p>“Mais cansado do que quando me deitei. Tenho apnéia do sono devido a trabalhar muitas horas seguidas. Não consigo ter os sonos diários certos” (G10, p.34)</p> <p>“Agora de manhã é complicado. E agora até falta de vontade de vir trabalhar” (G11, p.37)</p> <p>“Às vezes, nem sempre. É consoante o serviço</p>

		<p>só, mas nada” (G12, p.40)</p> <p>“Sim” (G13, p.44)</p> <p>“Já houve mais essa energia, já não há tanta energia como havia. Mas há sempre aquela vontade de ir trabalhar porque é a nossa profissão, não é?” (G14, p.49)</p> <p>“Sinto-me com energia porque eu também sou desportista (...) Mas tendo levar isto mais, como a gente costuma dizer, na desportiva, está a ver? Por isso é que também tento não stressar muito (G15, p.53)</p> <p>“Quase sempre com energia. Mas é como lhe estou a dizer, quando ando mais saturado, mais cansado, ou certas injustiças que se fazem no serviço (...) E há injustiças... E nessas coisas eu fico um bocado... Fico magoado. Isso abala-me, psicologicamente fico um bocado irritado (G16, p.59).</p> <p>“Sim, mais ou menos. Aí é mais ou menos. Com menos energia do que há dez anos atrás” (G17, p.66)</p> <p>“Nem sempre, às vezes não. Tem dias... não é sempre... às vezes sim, outras vezes não. Claro que com a continuação, com os anos de serviço, cada vez se tem menos vontade, não é? Começa-se a ficar farto da profissão. Começa a ficar pesado” (G18, p.69)</p> <p>“O cansaço terá haver com outras actividades que a gente possa ter, no lazer” (G19, p.72)</p>
--	--	---

		<p>“Por vezes...” (G20, p.76)</p> <p>“Não, não” (G21, p.80)</p> <p>“Sim, sim” (G22, p.86)</p> <p>“Às vezes não, não tenho vontade nenhuma” (G24, p.98)</p> <p>“Na maior parte das vezes nem me dá vontade de vir trabalhar...” (G25, p.101)</p> <p>“Sim, a seguir ao almoço é que é mais problemático” (G26, p.105)</p> <p>“Já senti mais. Já tive mais motivação para isto” (G27, p.109)</p> <p>“Sim, tenho” (G28, p.115)</p> <p>“Quer dizer, levantar de manhã cedo custa sempre” (G29, p.118)</p> <p>“Já não tanta como dantes. A idade também já começa a pesar” (G30, p.123)</p> <p>“Eu costumo sentir porque faço ginásio” (G31, p.125)</p> <p>“Sim” (G32, p.127)</p> <p>“Por enquanto ainda” (G.33, p.130)</p> <p>“Sim, geralmente sinto” (G34, p.133)</p> <p>“Sinto” (G35, p.137)</p>
--	--	---

		<p>“Às vezes é mais complicado. A única que uma pessoa sente aqui é muito stress, mais de resto” (G36, p.139)</p> <p>“Não digo que a energia seja, ou não seja a mesma, é a desilusão que se vê no estabelecimento prisional, é o cansaço dos anos que já se leva de serviço... é um conjunto de situações que nos levam a ficar um pouco mais cansados, um pouco mais fartos disto” (G37, p.163)</p> <p>“Ah preguicite” (G38, p.148)</p> <p>“Falta de motivação sim, falta de energia, depende das alturas. Quando se anda aqui nos dois, ou nas noites, ao fim de dois, três meses sem ter uma pausa de pelo menos duas semanas, eu noto, pessoalmente, já a chamada saturação, cansaço” (G39, p.151)</p> <p>“Sim. Porque é assim, eu gosto do que faço” (G40, p.160)</p>
	<p>Turnos Nocturnos</p>	<p>“... a gente chega ao fim das 24h e está muito cansado. (...) chegava a casa deitava-me na cama e não conseguia dormir. Só dormia à noite” (G1, p.1).</p> <p>“Tudo bem. No dia a seguir... de manhã tudo bem, depois do fim de almoço é que me dá o sono” (G2, p.5)</p> <p>“Destabilizam as pessoas na medida em que...hummm...depois não ficamos certos. Às seis da manhã estamos com uma energia, fora</p>

		<p>do comum; às 10h da manhã estou completamente...não é apático mas quase (...) às 5h30 da manhã ou às 6h tenho uma determinada velocidade, e às vezes fico completamente apático, cansado... É normal. Passei a noite inteira sem dormir. Daqui a dez anos estarei igual? As capacidades físicas não são as mesmas. Não é igual, até mesmo o ritmo de rendimento” (G3, pp.9 e 12).</p> <p>“Os nocturnos são mais cansativos, e os diurnos menos. Pronto... Mas quando fazemos noite, de manhã chegamos a casa extremamente cansados (...) sinto-me é cansado, e mais com a idade.” (G4, p.15).</p> <p>“Até ver, vou lidando bem (...) O dia a seguir é um bocado stressante. Como não tenho o hábito de chegar a casa e deitar-me, parece que ando assim meio atordoado durante o dia. Eu se calhar se me deitasse até aliviava o stress mas como não tenho esse hábito” (G5, p.18).</p> <p>“... os turnos nocturnos têm uma coisa boa, uma pessoa trabalha 24h mas depois compensa porque está dois dias em casa (...) Se temos que tratar de alguma coisa numa repartição pública, esse tipo de coisas, temos que estar sempre a pedir ou a trocar... É mais complicado” (G6, p.21)</p> <p>“Não é fácil, mas faz-se. Mas já há dezasseis anos que não faço serviço nocturno” (G7, p.26)</p> <p>“Como deve compreender não é fácil. Há noites que são mais difíceis, outras nem tanto” (G8,</p>
--	--	--

		<p>p.28).</p> <p>“Por vezes. Tem dias piores, tem dias melhores. Quer dizer o trabalho nocturno, por si só é complicado. E quem não consegue descansar muito bem como eu, por exemplo, que tenho dificuldades em dormir, o trabalho nocturno ainda complica mais. Dormir em casa é uma coisa, aqui descansar é totalmente diferente” (G9, p.31)</p> <p>“Mais cansado do que quando me deitei. Tenho apnéia do sono devido a trabalhar muitas horas seguidas. Não consigo ter os sonos diários certos (...) Com os turnos nocturnos lido bem, não lido bem é com as horas que sou obrigado a fazer. O estado diz que tenho de fazer uma média de 140h e eu tenho que fazer 240h” (G10, p.34)</p> <p>“Era mais complicado, era mais pesado. Por muito que a gente descance, não é? Nunca descansa como em casa. E depois se chegamos a casa e não dormimos... Durante a manhã já é um cansaço enorme” (G11, p. 37)</p> <p>“Os turnos é uma coisa que mexe com qualquer pessoa... horários de dormir, horários de alimentação... mexe com a pessoa sempre... com o organismo, com a cabeça, com tudo. Durmo mal...” (G12, p.40)</p> <p>“Sim, havia mais cansaço ou falta de sono. Falta de sono ou de dormir. Mas depois de recuperar as horas de sono perdidas tudo funciona bem” (G13, p.43)</p>
--	--	---

“Os nocturnos evidente que é mais difícil. Uma pessoa passa muitas horas de serviço, em vigilância... tem pouco tempo para descansar, e mesmo o tempo que tem para descansar, não dá para uma pessoa estar descansada. Não tem condições, nem conforto nem nada para descansar. Uma pessoa que se interesse pelo serviço não dá para dormir no serviço, nem para descansar, está sempre com cuidados e isso tudo. O dia a seguir era um bocado complicado... descansar, muitas vezes cheio de sono e com muitas dificuldades para conseguir dominar o sono” (G14, p.48)

“Eu, actualmente, tenho trinta e cinco anos, já me custa agora mais as noites. Os dias passam-se bem, a gente tem sempre qualquer coisa para fazer e estamos sempre ocupados. A noite é mais chato, porque são os turnos, dorme-se pouco, tem que se fazer rondas, tem que se ver se está tudo ok com os presos ou o pavilhão, inclusive se não há problemas, algumas vezes durante a noite (...) quando a gente tem oportunidade para descansar, descansa-se, especialmente quem não tem filhos em casa (...) Mas normalmente não tenho muito o hábito de ir dormir mas às vezes senão dormir, ou dormir pouco, sinto que no outro dia ando mais cansado” (G15, p.53)

“Ainda há pouco tempo andava com insónias, não conseguia dormir bem. Já andava há muito tempo nas noites... Chegava acordar de manhã *“epa hoje estou de folga ou estou de serviço?”*. Já andava a ficar trocado (...) Tenho insónias. É a preocupação do serviço estar feito (...) Uma

		<p>situação, andamos um dia, o dia até correu bem, com duas pessoas que se entendem, correu bem, espectacular e até estou bem disposto... Mas pode haver uma outra situação, o serviço foi mais cansativo, correu mal, ou alguma coisa se passou e eu estou agitado e esse noite para mim, vai ser... Fico a remoer muito tempo e depois não consigo dormir. Só se estiver mesmo muito, muito cansado é que consigo (...) o que se passa comigo é que muitas vezes estou em casa a dormir e estou a sonhar alto, mas alto como se tivesse a falar consigo (...) Quando ando mesmo muito, muito cansado é isso que acontece. O cérebro está sempre a elaborar não descanso (...) Passados dois, três dias, quando começa a saturação é que cai-o na cama (G16, pp.59, 60 e 61)</p> <p>“Era um bocado difícil. Principalmente agora nestes últimos anos. O dia a seguir é descansar um bocado, outras vezes não dá para descansar, enfim...” (G17, p.66)</p> <p>“A mim, pessoalmente, custa-me mais o dia do que a noite. A noite é menos trabalhosa. Ao fim do dia já estamos mais cansados, não é? Mas em virtude de não estarmos em contacto com os presos, que já estão fechados, já não estamos em contacto com eles... a noite torna-se mais fácil, não é? Embora o cansaço sentimos...” (G18, p.69)</p> <p>“Era mais complicado, porque também não descansava durante o dia. Mas nunca tive grandes problemas ao nível do cansaço” (G19, p.72)</p>
--	--	---

		<p>“Mais desgastante” (G20, p.76)</p> <p>“Era mais cansativo. Vinte e quatro horas seguidas, já não cabe na cabeça de ninguém, não é? Não é um horário que seja minimamente humano. Na manhã a seguir, a pessoa sai, vai super cansada. Não é a noite em si que cansa mas todo o resto que está para trás, as outras doze horas do dia, mais as horas nocturnas. É muito cansativo” (G22, p.86)</p> <p>“Os turnos nocturnos são complicados porque é assim, nós temos pouco pessoal, dividimos o turno a meio... agora quem é que consegue turno durante o dia e mais metade de uma noite com consciência? Nós tentamos estar o mais alerta possível, mas é impossível (...) O dia a seguir é chegar a casa e ninguém pode dizer nada. É normal, nós saímos daqui todos stressados como é que chegamos a casa e temos harmonia, boas maneiras para falar com as pessoas? E o dormir... só à noite é que eu consigo dormir, durante o dia é impossível, não consigo dormir (...) Eu estou aqui, mas naqueles horas de descanso, não consigo descansar. Eu estou sempre em sobressalto, qualquer barulho, qualquer coisa, pode ser um alerta. E em casa permanece sempre aquela ideia, dos barulhos e das outras coisas todas” (G23, pp.93)</p> <p>“Ando cheio de sono, tenho que dormir” (G24, p.98)</p> <p>“Era muito mais complicado. Chegava a casa e quem pagava era a família. Ia sempre com mau</p>
--	--	--

		<p>feito como eles diziam “<i>lá vens tu com o mau feitio</i>” (G25, p.101)</p> <p>“Não, é igual” (G26, p.105)</p> <p>“Como eu sou de longe, moro a 96km, é melhor. Tenho mais dias de folga e assim é preferível ir fazendo noite e depois estar uns dias sem cá estar, do que estar cá a fazer só dias, não é?” (G27, p.108)</p> <p>“Para mim até é melhor. É melhor porque depois tenho mais tempo de descanso. Sou de Coimbra e é mais fácil” (G28, p.115)</p> <p>“É complicado porque isso altera a vida das pessoas “ (G29, p.118)</p> <p>“É mais difícil mas tem recompensa, as folgas” (G30, p.123)</p> <p>“Epa é pesado. Quer dizer, quando era mais novo... isto tem haver com a idade, era mais fácil. Agora já custa mais, são os 50 anos” (G31, p.125)</p> <p>“É bocadinho mais difícil... Aquilo que a gente sabe das outras profissões, das outras vidas... não é igual a uma pessoa que pode trabalhar de dia e descansar de noite. O dia a seguir é um bocado stressante mas passa” (G32, p.127)</p> <p>“Quer dizer a parte nocturna é mais difícil, não é? Mas até ver não tem havido grandes problemas” (G33, p.130)</p>
--	--	---

		<p>“É um bocado difícil, vamos sempre muito cansados quando saímos daqui de manhã. Mas depende sempre de como corre o dia e a noite em si. Uns dias melhores, outros piores... De manhã vamos sempre contentes quando vamos embora. Normal. Mas às vezes vamos chateados, com a saturação” (G34, p.133)</p> <p>“É fácil, só custou as primeiras. Mas depois uma pessoa já está habituada, já vai por rotina” (G35, p. 137)</p> <p>“As noites cada vez me custam mais. Uma pessoa quantos mais anos tem de serviço, mais custam as noites. Já não é aquilo que era quando entrei para os serviços” (G36, p.139)</p> <p>“É assim... eu sou guarda vai a caminho de dezasseis anos, sou de Coimbra, ainda estou a 60km de casa e, como tal, o andar para baixo e para cima cansa-nos mais (...) Os gastos em termos financeiros são também muito maiores, andar para trás e para a frente... Se andarmos dois, três meses fora de escala torna-se cansativo. É assim vamos dormir a casa, mas é chegar a casa e jantar, estar um pouco com a família, deitar, dormir, levantar e vir trabalhar outra vez (...) Ajuda, ajuda...porque estamos mais tempo com a família em casa.” (G37, pp.142)</p> <p>“Quer dizer, eram noites em branco (...) chegar cansadíssimo a casa, queria era dormir. Alterava o sistema todo (G38, p.148)</p> <p>“Não dormir a noite completa, causa alterações.</p>
--	--	---

		<p>No dia a seguir mais cansado” (G39, p.151)</p> <p>“Lido bem, lido bem. Porque isto é assim, quando nós pomos na cabeça que é para fazer, tem que ser feito” (G40, p.160)</p>
<p>Funcionamento Laboral</p>	<p>Divisão de Tarefas</p>	<p>“eu penso que está tudo equiparado. Talvez uns estejam mais sobrecarregados do que outros, derivado aos sítios de onde estão a desempenhar funções” (G1, p.1).</p> <p>“Depende dos dias, há dias em que somos mais sobrecarregados, outros em que somos menos sobrecarregados, depende das consultas, depende dos tribunais, depende disso tudo” (G2, p.5).</p> <p>“Alguns aspectos se calhar não há, por falta de recursos. Por exemplo, eu teria que ter um técnico de educação comigo. Não é fácil para ele estar lá, mas ele devia estar lá” (G3, p.9).</p> <p>“Há pessoas que são mais sobrecarregadas que outras. Há pessoas que estão sempre no mesmo serviço, e há outras que têm que fazer tudo um pouco, normalmente são sempre os mesmos” (G4, p.16)</p> <p>“Talvez devido à falta de pessoal, haja um bocado se sobrecarga de trabalho. Se houvesse mais pessoal, talvez, o trabalho se levasse até melhor em certos locais” (G5, p.18)</p> <p>“... as tarefas nunca poderão ser iguais. Estou a falar, por exemplo, na diferença entre homens e mulheres, isto é uma cadeia do sexo masculino,</p>

		<p>e as mulheres não fazem determinadas tarefas que os homens fazem. Não quer dizer que há pessoas sobrecarregadas, pode haver é alguém que se encoste” (G6, p.22)</p> <p>“Às vezes sente-se mas ultrapassa-se” (G7, p.26)</p> <p>“Há sempre mas isso é muito subjectivo. Isso é da estruturação mas é tudo muito relativo” (G8, p.29)</p> <p>“Não. Equitativamente as tarefas deixam um bocadinho a desejar. Porque há pessoas que, às vezes, podem fazer certas e determinadas coisas e não lhes são imputadas responsabilidades para isso. E ao fim e ao cabo ganham tanto como nós (...) Por vezes, esses guardas não fazem porque não querem, e depois, não há quem lhes incuta essa responsabilidade. Por isso é que daí, alguns têm um certo tipo de responsabilidades, depois os outros não. E as coisas têm que ser feitas” (G9, pp. 31 e 32)</p> <p>“Há pessoas mais sobrecarregadas que outras. Acho que os chefes não fazem nada e os guardas é que trabalham muito” (G10, p.34)</p> <p>“Há. Há serviços mais sobrecarregados, há pavilhões mais complicados” (G11, p.37)</p> <p>“Não, aqui neste caso não. Está tudo dividido, noto eu que está tudo dividido” (G12, p.40)</p> <p>“Se calhar há, há é pessoas que se encostam mais do que outras (...) Quer dizer se calhar a</p>
--	--	--

		<p>divisão também não é tão bem feita quanto isso, mas se calhar as pessoas também se encostam um bocadito” (G13, p.44 e 45)</p> <p>“Sim, talvez porque infelizmente não temos pessoas à frente dos serviços que saibam dirigir convenientemente os serviços, que saibam dividir as tarefas dos guardas. Se houvesse um grande chefe, ou um encarregado nomeado por ele que soubesse fazer a divisão correcta do pessoal, tudo seria mais fácil” (G14, p.50)</p> <p>“Isso é uma pergunta complicada até porque há aqui serviços diferentes. Há serviços que, se calhar, se faz mais um bocadinho, e há outros em que se faz pouco. Às vezes depende do local em que estamos colocados” (G15, p.53)</p> <p>“Não há sobrecarga de tarefas (...) As pessoas sabem o que têm que fazer, mas como há certas pessoas que sabem que há alguém que faz o serviço por eles, nem se preocupam com isso, nem como quem está a fazer o serviço deles (...) Há uns que eu conheço e há uma boa coordenação. E o que eles dizem está dito e nem se quer se discute. Há outros aí que até a maneira deles falarem já é uma situação já não é adequada, não se entendem. Não se preocupam, ficam um bocado atarantados e acabam-se por alterar mas nós também não ligamos. Há certas pessoas também com quem temos mais à vontade e falamos um bocadinho mais” (G16, pp.61 e 62)</p> <p>“Há pessoas mais sobrecarregadas do que outras (...) Se as tarefas fossem divididas entre si de</p>
--	--	---

		<p>modo de igual para igual, tornava-se muito mais fácil trabalhar nestes serviços” (G17, p.66)</p> <p>“Não, acho que há divisão. Pessoalmente, acho que sim” (G.18, p.69)</p> <p>“Considero que há pessoas mais sobrecarregadas que outras” (G19, p.72)</p> <p>“Há pessoas mais sobrecarregadas que outros...” (G20, p.76)</p> <p>“Eu acho que há sobrecarga de certas pessoas” (G21, p.80)</p> <p>“Partilho dessa opinião que, realmente, as tarefas não estão divididas, isto é, não são deliberadas tarefas e responsabilizadas as pessoas. Encontra-se uma pessoa que até tem um bocado de apetência para o cargo, e nelas se sobrecarregam. Se calhar dão a fazer mais a este e aquele... Falta muito delegar” (G22, p.86)</p> <p>“Eu acho que na generalidade até tem estado... Não é perfeito mas acho que está bem” (G23, p.96)</p> <p>“Há umas mais sobrecarregadas que outras. Muito, muito... Uns não fazem nada e outros fazem tudo” (G24, p.98)</p> <p>“Há, penso que sim” (G25, p.102)</p> <p>“Agora eu não diria que há pessoas mais sobrecarregadas que outras, há pessoas mais activas que outras, vão mais de peito às tarefas,</p>
--	--	--

		<p>têm mais vontade de fazer as coisas... E há outras pessoas que se encostam mais” (G26, p.105)</p> <p>“Acho que sim. E vai existir sempre em todas as instituições, é normal” (G27, p.109)</p> <p>“Mais sobrecarregadas há. Não se atribuem responsabilidades a certas pessoas... Não tanto a umas, como a outras. Não há porque também não é bem possível, há pessoas que não têm queda mesmo para isto. Por isso não se podem atribuir responsabilidades a uma pessoa que não tem queda para isto” (G28, p.115)</p> <p>“Eu não acho que exista isso. Acho que as funções que as pessoas desempenham são relativamente iguais, agora, há quem as desempenhe com mais dedicação, com mais esforço, quer a nível pessoal, quer em termos profissionais. E isso é que faz a diferença (...) A nossa profissão é muito mais desgastante, como tal é considerada, mas só é desgaste rápido para quem funciona, para quem está no terreno, para quem é profissional” (G29, p.118)</p> <p>“Isso sempre existiu e sempre vai existir. Aqui os “muito bons” como eles lhes chamam às vezes é que destroem o serviço” (G30, p.123)</p> <p>“Sinto que está tudo mais ou menos equilibrado” (G31, p.125)</p> <p>“No global... no serviço há pessoal que faz noites e há pessoal que não faz noites, logo aí há distinções, há diferenças... tem mm haver com</p>
--	--	---

		<p>o funcionamento, não com a distribuição do serviço” (G32, p.127)</p> <p>“Ah isso há. Deviam dividir mais as tarefas, mas é o que está” (G33, p.130)</p> <p>“Acho que não está bem dividido. Não está porque a gente vê colegas que acabam por não fazer nada durante o dia, enquanto os outros fazem tudo” (G34, p.133)</p> <p>“É capaz de haver pessoas mais sobrecarregadas que outras” (G35, p.137)</p> <p>“Que as há, há” (G36, p.139)</p> <p>“Existem pessoas mais sobrecarregadas que outras. Uma por inerência do cargo que ocupam e outras talvez pela incapacidade que demonstram, tem que se sobrecarregar quem se tenha por perto para que as coisas corram dentro da normalidade (...) Se houver uma boa parceria entre os colegas faz-se o trabalho mais ou menos bem, só que é como digo, há pessoas que se acomodam, que se estão borrifando para o trabalho e isso é complicado para nós” (G37, p.143)</p> <p>“Quem tem mais responsabilidades que eu deve estar muito mais sobrecarregado. Agora quem se dedique mais ou não à função que está a exercer... quem se dedique mais é capaz de ter... modéstia à parte, eu dedico-me bastante e daí também o muito cansaço à noite” (G38, p.148)</p>
--	--	---

		<p>“...Enquanto que há sítios em que a gente chega ao fim do dia e está completamente exausto, há pavilhões em que os presos praticamente é que mandam, não é? (...) Lá chega-se ao fim do dia, completamente exausto. Se eu tiver lá dois dias seguidos, o stress é completamente diferente do que se fosse lá voltar só ao fim de seis serviços que é praticamente duas semanas. Isto não acontece porque infelizmente é um mundo, em que o senhor que está nos recursos humanos acha que se dá melhor com este, não se dá com aquele... não devia ser assim, devia-se esquecer (...) alguns sejam mais sobrecarregados. Por vezes fundamenta-se que uns são mais competentes que outros, pronto, eu pessoalmente, não acho que isso seja correcto” (G39, p.151 e 152)</p> <p>“Não, porque isto é assim, a escala aqui é corrida. Ou seja, o que eu faço hoje, o meu colega amanhã virá fazer o mesmo que eu estou a fazer, e eu irei fazer aquilo que ele fez e assim sucessivamente (...) Agora, há diferentes maneiras de trabalhar. Isso é indiscutível. Cada um é como cada qual, é assim mesmo. Agora sobrecarrega de trabalho, acho que não. Mas atenção, nem todos os dias são iguais (G40, p.160)</p>
	Tomada de Decisão	<p>“As decisões que ele toma em função da distribuição de trabalho, nem sempre agradam a toda a gente. Se calhar uns queriam ir para um serviço e não os metem lá e vão outros. Há um bocadinho de atrito entre os colegas” (G1, p.1).</p> <p>“Depende. Quando nós estamos em baixo, eles</p>

		<p>unem-se para nos deitarem abaixo, andando atrás de nós; quando andam bem, anda tudo bem. Eu acho que os directores, às vezes, deviam pensar pela cabeça deles por são dominados por um grupo que consegue fazer o que quer (...) (G2, p.5).</p> <p>“Sei lá... É uma dúvida constante. É quase impossível eles terem uma...por muito que tenham um fio condutor...nem que seja hierarquicamente...eles não conseguem transmitir... Cada pessoa é uma pessoa, mesmo juntando as coisinhas todas não é possível, não é fácil” (G3, p.9).</p> <p>“Normalmente são sempre as mesmas” (G4, p.16).</p> <p>“É a tarefa deles, eu acho que é normal. Eles têm conhecimento do que se está a passar e têm que fazer a função deles, e a gente, dentro das possibilidades, compreendo-os” (G5, p.18).</p> <p>“... devia haver mais harmonia entre eles. Deviam estar mais interligados, uns puxam para um lado, outros puxam para o outro. Não há uma união (...) Quando são dez cabeças ou doze a pensarem de maneira diferente, as coisas não são bem conjugadas (...) Até mesmo na própria população reclusa, isso se reflecte” (G6, p.22)</p> <p>“No que me diz respeito a mim, não tenho dúvidas” (G7, p.26)</p> <p>“Eu não tenho razão de queixa” (G8, p.29)</p>
--	--	--

		<p>“Não, há pouca coerência” (G9, p.32)</p> <p>“Lá esta, metade é prepotente, metade aceita diálogo. Estamos a falar aqui de 14 chefes ou 16” (G10, p.34)</p> <p>“Há incoerência. E há falta de cooperação entre colegas” (G11, p.37)</p> <p>“Quem lida com uma parte de chefia, como eu, noto que há uma grande diferença, uma grande incoerência” (G12, p.40)</p> <p>“Ah não, isso não. Às vezes tenho muita dificuldade em perceber o que é que eles querem. Hoje querem uma coisa e amanhã, ou melhor, nem é amanhã é logo a seguir, passados 10 minutos, já querem a mesma coisa mas feita de forma diferente” (G13, p.45)</p> <p>“Acho que são um bocado vagas. O problema que há é que nem todos são unânimes... uns põem uma questão, outros já põem outra, uns respondem de uma maneira, outros já respondem de outra, não são todos coerentes. Devia haver mais seriedade entre nós e, infelizmente, não há” (G14, p.49)</p> <p>“Às vezes há decisões que não agradam... Eu sou apologista de uma maior disciplina, tanto nos guardas como nos presos. Faz muita falta a disciplina” (G15, p.54)</p> <p>“... há subchefes muito humanos. E todas essas pessoas sabem as polivalências de todos os guardas aqui. Com esta nova vaga de subchefes</p>
--	--	---

		<p>alguns foram nossos colegas e sabem as nossas potencialidades e sabem com quem podem contar” (G16, p.62)</p> <p>“Não, uns dizem de uma maneira, outros dizem de outra, nunca chegamos a um consenso em que as ideias deles sejam quase todas iguais, porque não são” (G17, p.66)</p> <p>“Pessoalmente acho que, no momento actual que corre, depende desse superior, não são todos muito bem iguais. Vindo de algumas pessoas há uma certa incoerência” (G18, p.69)</p> <p>“Há algumas diferenças, embora, a incoerências sejam feitas, se calhar, de forma inconsciente. Mas existem” (G19, p.72)</p> <p>“Muito vagas” (G20, p.76)</p> <p>“Isso não. Portanto, é assim, nós temos legislação, e há certa legislação que toda a gente tem que cumprir. E quando não cumprem, nós questionamos porque é que não estão a cumprir mas, de uma maneira geral, a nível de serviço, cada um trabalha à sua maneira, um manda mais para a direita, outro mais para a esquerda...” (G21, p.11)</p> <p>“Ainda continua a haver, mas já nem tanto, uma certa incoerência (...) não é o bem rectificar a medida, é mais dizer “<i>é assim</i>”. Por vezes, as pessoas... acho que se sentem um bocado constrangidas e, ao mesmo tempo, desautorizadas (G22, p.86)</p>
--	--	---

		<p>“Uma ordem aqui é passada não sei quantas vezes, um transmite de uma maneira, dá-se a outro já se transmite de outra...” (G23, p.96)</p> <p>“Não, não há coerência nenhuma. Ninguém se entende” (G24, p.98)</p> <p>“Acho que não. São humanos” (G25, p.102)</p> <p>“Eu penso que sim, eu penso que sim. Há diálogo, há comunicação, entre eles” (G26, p.105)</p> <p>“Exactamente. De vez em quando acontece. Não há uma coordenação a 100% da chefia. Há umas divergências e há umas falhas. Mas nós, que temos alguns anos de serviço, conseguimos tentar chegar ao objectivo daquilo que eles querem (...) Ou seja, todas as ordens que nos dão, nós sabemos geri-las da melhor forma, penso eu... (...) Pode não ser de acordo com a chefia mas... mas em relação ao objectivo que eles querem, funciona. De vez em quando, há algumas divergências na chefia e é um bocado complicado para nós, que estamos a receber o produto final, que estamos a receber a ordem, por vezes ficamos assim um bocado baralhados, não é? Mas conseguimos chegar lá (...) quando há desordem na chefia isso reflecte-se nos guardas a nível de ordem (...) tem que começar tudo pelo topo, tanto ao nível da direcção, a chefia... (...) Isso vai-se reflectir em nós, funcionários, e, principalmente, no preso” (G27, pp.109 e 112)</p> <p>“Há uma certa coerência, tentam mais ou menos levar tudo ao mesmo porto” (G28, p.115)</p>
--	--	--

		<p>“Acho que as coisas estão bem delineadas nesse sentido. Isto é como tudo, uma empresa funciona bem se tiver bons dirigentes” (G29, p.119)</p> <p>“Não, um diz uma coisa, outras vezes outro diz outra. São muitos a mandar, às vezes, é complicado” (G30, p.123)</p> <p>“Acho que cada um diz à sua maneira” (G31, p.125)</p> <p>“Acho que não há diferença, não há separação” (G32, p.127)</p> <p>“Em alguns aspectos há. Não é em todos, mas em alguns” (G33, p.130)</p> <p>“ Às vezes não dá para perceber o que é que eles querem. Às vezes não conseguimos compreender, um diz uma ordem, outro diz outra e ficamos um bocado baralhados, isto é mesmo assim (...) Ah isso é que não. O chefe manda para um lado, vai outro subchefe manda para o outro. São muitos a mandar e depois acabam por não saberem mandar” (G34, p. 133 e 137)</p> <p>“Tal e qual. Nem toda a gente... é como os guardas, nem toda a gente tem a mesma maneira de ser, e a mesma maneira de estar. Opa, claro que existem diferenças” (G36, p.139)</p> <p>“Devia de haver mais coerência. Se um método que se utiliza num pavilhão fosse utilizado nos outros pavilhões, certamente trabalhava-se melhor. Consideram isto como “<i>mini-cadeias</i>”, vá digamos assim, e depois depende um pouco de</p>
--	--	--

		<p>quem está à frente e quem não está. O grande problema em si não são os pavilhões, é talvez o método de trabalho (...) Havia de haver uniformidade em termos de métodos de trabalho e, em determinadas situações, não existe (...) essa uniformidade no papel existe, na prática é que não funciona e não funciona porque as pessoas não querem” (G37, p.143 e 144)</p> <p>“Não existe coerência nenhuma, não no geral, atenção. Digamos que 50/50, e as coisas vão funcionando assim com o 50/50” (G38, p.148)</p> <p>“O grande problema nestes serviços é que as pessoas que estão à frente não têm qualquer formação (...) algumas deles têm a terceira e a segunda classe, tudo bem, mas isso poderia ser complementado com experiência (G39, p.153)</p> <p>“Há várias formas de trabalhar, há várias formas de falar, há várias formas de demonstrar e etc., (...) há aqueles indivíduos que gostam de sobressair em relação aos outros (...) Depois há aqueles mais simples que, no fundo, é com esses que eu gosto de trabalhar porque eu também sou uma pessoa simples (...) São aquelas pessoas que, quando nós temos algumas dúvidas (...) nunca põem problemas. Quando não sabem, embora seja um superior meu, vêm me perguntar o porquê e como é (...) Esses superiores simples são aquelas pessoas com quem se trabalha e chegamos ao fim do dia e parece que o dia... não se passou nada, não aconteceu nada (...) Agora, muitas das vezes, quando temos que aguentar com os problemas dos reclusos, e aguentar com os problemas dos superiores (...) chegamos às 11h/12h já estamos</p>
--	--	--

		<p>fartos de cá estar (...) entre eles também há guerras. (...) não há uma fórmula que eles sigam (...) Não, é tipo “<i>eu quero, posso e mando, e isto tem que funcionar como eu quero</i>”. Mas muitas vezes não pode ser assim, não é?” (G40, pp.160 e 161)</p>
	<p>Livre Arbítrio</p>	<p>“Não posso dizer tudo o que eu quero e me apetece, não é? Tenho que também ter um bocadinho de contenção (...) mas até ver consigo. O meu descontentamento em relação a certas coisas, ao chefe... Tenho essa abertura e esse à vontade” (G1, p.2).</p> <p>“Posso, mas muitas vezes nem sequer pensam nisso, nem querem saber. Depois, com o tempo, é que vão lá outra vez. Com o passar do tempo é que reconhecem que se calhar tinham razão. Mas depois, um gajo também é perseguido durante esse tempo todo... até chegarem à conclusão... um gajo anda a ser pressionado. Tem consequências. E então eu tenho sido um mártir nisso, porque não sou capaz de me calar quando vejo certas coisas” (G2, p.6).</p> <p>“Não tanto quanto isso. De facto, se calhar... acho que posso falar disto abertamente... Acho que já de destruíram algumas barreiras mas não estão todas ainda quebradas” (G3, p. 9).</p> <p>“No meu caso, o que tenho a dizer, digo” (G4, p.16).</p> <p>“Pode-se manifestar a opinião mas não é o meu hábito. Sempre fui acatar e tentar fazer o melhor</p>

		<p>possível” (G5, p.18).</p> <p>“Eu consigo, porque falo um bocado (...) se a pessoa quer aceitar, aceita, senão quer aceitar também não é obrigada” (G6, p.22)</p> <p>“Sim, sim... Sinto que posso. Não tenho qualquer problema” (G7, p.26)</p> <p>“Sim...” (G8, p.29)</p> <p>“Não (...) O livre arbítrio deixa muito a desejar (...) Tomadas de decisões um bocadinho certas e, às vezes, “engolir um bocadinho em seco”. Porque senão, poderão advir daí outros problemas ainda maiores. ” (G9, p.32)</p> <p>“Não, somos logo perseguidos superiormente se formos contra o sistema. As chefias são prepotentes” (G10, p.38)</p> <p>“Não, penso que não” (G11, p.34)</p> <p>“Eu posso, aliás, não devia às vezes derivado à minha função no estabelecimento como delegado sindical, como membro do sindicato, mas tenho esse à vontade. Os superiores também medem alguma coisa, quando têm que falar em relação a mim, porque represento 110 guardas aqui” (G12, p.40)</p> <p>“Os anos de serviço também me permitem falar à vontade, seja com quem for, expor as minhas posições, aquilo que esteja mal, aquilo que esteja bem... Também tenho sempre uma palavra a dizer, nesse campo até acho que sou muitas vezes</p>
--	--	--

		<p>ouvido” (G14, p.49)</p> <p>“É complicado, sabe? Há muita coisa que a gente pensa e não pode dizer. (...) podemos ter opiniões construtivas à cerca de uma determinada coisa mas as pessoas podem não achar assim. Podem achar que é destrutivo, ou que estamos mal intencionados, ou que estamos a falar mal de...” (G15, p.55)</p> <p>“Sim, eu por norma digo aquilo que penso. As pessoas podem levar a mal ou não, pelo que faço ou transmito” (G16, p.62)</p> <p>“Nós por vezes temos vontade em exprimir aquilo que coisa, mas depois também podemos ser um bocado perseguidos sobre as conversas ou sobre os relatos que possamos fazer” (G17, p.66)</p> <p>“Sim, sim” (G18, p.69)</p> <p>“Consigo” (G19, p.72)</p> <p>“Eu consigo mas há muitos que se retraem, mas eu consigo” (G20, p.76)</p> <p>“E é a tal coisa, mesmo a nível de hierarquia, é muito fechada... É frustrante. Nós não podemos expressar muito bem as nossas ideias... (...) Eu manifesto, só que depois sinto que sou prejudicada por isso. Como lhe estava a dizer, a nível de hierarquia, eles não aceitam... É assim, eles até podem ter a mesma ideia que nós, ou a mesma opinião mas têm que ser eles a tomar a iniciativa de a dar ou transmitir aos outros. Nós</p>
--	--	---

		<p>dizemos, muitas das vezes, para melhor isto ou melhorar aquilo, e eles até não melhoram nada na altura, tipo “<i>ah está bem, eu ouvi e não sei quê</i>”, mas, posteriormente, a gente vê que as coisas acabam por acontecer mas tem que ser ao tempo que eles querem, quando eles querem e quando a chefia entendeu que tinha que ser assim, ou assado” (G21, pp.80 e 81)</p> <p>“Ai faço. Tento fazer isso sempre, não perdo. Se calhar perco por isso, perco pela língua mas nunca deixei de o fazer. Mas como não sou hipócrita, faço sempre questão de demonstrar a minha forma de pensar e demonstro isso, muitas vezes, se calhar repentinamente, sem pensar” (G22, p.87)</p> <p>“Não, nos momentos de hoje, quanto mais calado melhor” (G23, p.96)</p> <p>“Posso, mas depois também não sou bem aceite. Começo a ser eu do contra. Eu faço-as mas depois sei que já não sou tratado da mesma forma” (G24, p.98)</p> <p>“Não” (G25, p.102)</p> <p>“Sem dúvida. Não quer dizer que seja aceite, mas que posso, posso” (G26, p.105)</p> <p>“Posso. Posso” (G27, p.109)</p> <p>“Dentro do serviço posso, à vontade” (G.28, p.115)</p> <p>“Eu posso. Eu, enquanto a pessoa que sou, faço.</p>
--	--	---

		<p>(...) Porque também quando falo, oiço aquilo que digo ou não digo nada. Então, sendo assim, quando falo é porque tenho razão para falar” (G29, p.119).</p> <p>“Às vezes é o meu mal isso” (G30, p.123)</p> <p>“Eu penso que posso... a gente às vezes não diz porque sei lá... porque sou acanhado” (G31, p.125)</p> <p>“Sim, à vontade” (G32, p.127)</p> <p>“Até ver consigo” (G33, p.130)</p> <p>“Eu se tiver que manifestar, manifesto sempre. Isso aí... Embora às vezes devia ser mais, mas pronto. Mas manifesto sempre” (G34, p.133)</p> <p>“Eu acho que sim, pois é claro, de vez em quando até digo” (G35, p.137)</p> <p>“Sim, pelos menos aqui neste serviço... por enquanto uma pessoa ainda pode dar a nossa opinião. Não quer dizer que haja concordância do outro lado” (G36, p.139)</p> <p>“Eu manifesto, mas sofro consequências disso, mas pronto, isso é outra conversa. Eu para mim é, aquilo que penso digo. Tenho sofrido algumas consequências disso, pronto, não sou daquelas pessoas que consegue engolir em seco (...) quando as pessoas estão cá muito tempo, sentem-se donos e senhores, a gente chama, “<i>da quinta</i>”. Não estão, às vezes, abertos a novos métodos de trabalho, a novas ideias que nos</p>
--	--	--

		<p>possam ajudar, tanto a melhorar o trabalho que executamos, como o próprio funcionamento de tudo. Por vezes não é fácil fazer chegar as nossas ideias às pessoas, a quem pode decidir” (G37, p.143)</p> <p>“Pode ser aceite ou pode não ser aceite mas sinto-me à vontade para opinar” (G38, p.148)</p> <p>“... eu manifesto mas claramente, o que eu diria um cidadão comum, não a manifesta. (...) Manifestar a minha opinião posso, mas há sempre consequências. As consequências é estar três meses escalado à “Simples”, que é o sítio pior (G39, p.153)</p> <p>“Quando eu tenho que dizer alguma coisa, digo, não mando recados. Não estimo as pessoas mal, não as trato mal, não as ofendo, mas digo. Esta última parte de não ofender, já depende da maneira como o receptor vai receber a mensagem (...) Sei que talvez já tenha perdido algumas coisas à custa disso, mas uma coisa é certa, fico tão aliviado (...) Talvez esses tais superiores também não gostem, que os subordinados lhes digam a eles como é que as coisas têm que ser feitas” (G40, pp.161e 162)</p>
	<p>Concepções sobre a função de um Estabelecimento Prisional</p>	<p>“o tratamento dos reclusos, guardá-los e levá-los aos tribunais, levá-los ao hospital quando for necessário, terem o tratamento médico que é necessário...” (G2, p.6).</p> <p>“Se olharmos à luz da lei vemos que aquilo que o estabelecimento deve desempenhar... a resposta se calhar até se torna ambígua. E eu se</p>

		<p>calhar vejo as coisas assim, costumo dizer isto muita vez “<i>por detrás dessa roupa que vês, está uma pessoa</i>”, e muitas vezes as pessoas esquecem-se disso (...) Quando se perde o respeito por uma pessoa, o resto deixa de estar instituído. Devemos dar primazia ao tratamento do recluso, mas se me perguntar se tenho condições para isso? Eu penso que até o posso fazer. Se calhar em cem vou conseguir salvar um, não sei (...) (G3, p.10).</p> <p>“É para guardar reclusos, não é? Neste caso para guardar reclusos jovens. Para ver se um dia vão para a sociedade um bocadinho melhores do que aquilo que entraram” (G4, p.16)</p> <p>“ (...) cumprir o que está determinado pelo juiz, pela sentença, e depois, mediante o tempo que eles cá passam, tentar dar-lhes o melhor tempo possível, sei lá... com actividades, que nesta casa, actualmente, estão a ficar um bocadinho esquecidas” (G5, p.19)</p> <p>“... penso que será segurança...” (G6, p.22).</p> <p>“acolher os reclusos. O internamento deles, não é? E dar-lhes higiene e segurança” (G7, p.27)</p> <p>“É a ressocialização, não é? Prepará-los para a vida profissional quando saírem daqui” (G8, p.29)</p> <p>“Cumprir a justiça, a decisão judicial. Isto é o principal, depois vêm os subsequentes que é o trabalho que um preso dá... despesa ao estado, alimentação, higiene, saúde, educação...” (G10,</p>
--	--	---

		<p>p.35)</p> <p>“Tentar educar... Pelo menos aqui... Tentar que saiam do caminho por que entraram... Só que deviam aproveitar, não há aquele grau de exigência. Muitos vão para os cursos não fazer nada, vou lá só marcar o ponto. Lá não aprendem nada. Acho que devia ser mais exigente, haver uma selecção maior para entrar nesses cursos. Às vezes não há. Vão quem lhes interessa” (G11, p.39)</p> <p>“Devia ser a reinserção, mas neste caso, como em muitos, nem sempre é” (G12, p.41)</p> <p>“Aqui é fazer festas e actividades. Esquecem-se muito daquilo que é a parte fundamental, a segurança” (G13, p.45)</p> <p>“Esta prisão, quando isto foi feito, isto era para integrar reclusos menores e para os preparar para a sociedade. Só entravam reclusos com pequenos delitos, com pequenas penas, hoje em dia já entram com todas as penas (...) é para os preparar para estarem integrados na sociedade mas hoje isto já nada do que era é agora. Isto agora já é uma cadeia normal” (G14, p.50)</p> <p>“Embora eles sejam rapazes novos, e é muito complicado trabalhar com este tipo de presos porque são rapazes novos... Muito exaltados, percebe? Aquela idade muito rebelde em que a gente faz tudo, e parte tudo, e... É complicado” (G15, p.54)</p> <p>“A primeira função é racionalizar a situação das</p>
--	--	---

	<p>penas. Cometeram um crime, tem que cumprir uma pena. Depois há uma situação humana com a qual temos de colaborar. Mas muitas vezes a parte da direcção da cadeia, a chefia, a parte humana...” (G16, p.64)</p> <p>“... a principal função aqui disto é que o serviço corra, diariamente, da melhor maneira. Correndo o serviço bem, evitamos chatices para o nosso lado e para outros lados” (G17, p.67)</p> <p>“... é fazer com que paguem por estes crimes, aqueles que os cometeram. Fazem crimes, vêm para a cadeia e depois têm que pagar por isso. No fundo, devia ter um objectivo que era devolver as pessoas à sociedade, recuperadas e coiso... o que não acontece. Acho que isso não... devia ser, a função devia ser isso...” (G18, p.70)</p> <p>“É a ressocialização dos reclusos, é a principal...” (G19, p.73)</p> <p>“Fazer cumprir a pena aos reclusos e melhorar o tempo que eles cá estarão. Arranjar maneiras, espaços e ocupações para que o tempo que eles cá estejam seja o mais rentável possível” (G20, p.76)</p> <p>“Para mim a principal função era a ressocialização, mas não funciona” (G21, p.81)</p> <p>“Eu costumo dizer que é um “aparelho de repressão do Estado”, quer dizer que quem mora ali, principalmente, são as pessoas não gratas, não é? Por uma causa ou por outra, ou bem ou</p>
--	---

		<p>mal, as pessoas que são julgadas têm que pagar pelos crimes que cometeram. E as outras aguardaram o julgamento. Essencialmente, as cadeias servem para recolher as pessoas que têm dívidas para com a sociedade” (G22, p.87)</p> <p>“O estabelecimento prisional deve aplicar a medida privativa de liberdade que se destina a que a pessoa cumpra a sua pena e, depois, de acompanhada seja devolvida à sociedade como preparada para enfrentar a nova vida” (G23, p.96)</p> <p>“Sei lá. Para já a primeira função é reter as pessoas privadas da liberdade” (G24, p.98)</p> <p>“Devia ser para reabilitar as pessoas, para quando eles saíssem para viverem em liberdade conseguirem viver em sociedade e adaptar-se às regras da sociedade. Mas neste momento penso que não... acho que as instituições também estão um bocado benevolentes em relação a eles” (G25, p.102)</p> <p>“A minha opinião é precisamente aquela que está explanada na lei (...) É impossível pôr em prática o que está explanado mas tenta-se fazer. Quando eu disse não, quero-me referir à questão da reeducação. Há um contenção orçamental que é bem conhecida... agora ainda por cima estamos em crise, não temos técnicos suficientes, não temos pessoal suficiente, portanto... Ao nível da formação também, embora se lute por termos o máximo possível devido, precisamente, a essa contenção... há muita falta ainda. Epa faz-se o possível, não se</p>
--	--	---

		<p>faz o que seria ideal mas faz-se o que é possível e isto vai mais para a terapia ocupacional, do que praticamente ensinar-lhes uma profissão para a vida, não é” (G26, p.105)</p> <p>“Nós estamos aqui no fundo a “cumprir ordens judiciais”. Eles estão cá condenados e nós temos que fazer cumprir a determinação judicial, não é? Que é a vigilância e segurança de um homem que é condenado pelo juiz, não é? (...) Dentro do sistema interno da cadeia, fazemos cumprir isso (G27, p.110)</p> <p>“Sobretudo, a segurança de quem está lá fora. Guardar os criminosos da sociedade” (G28, p.115)</p> <p>“ ... será a reinserção social do recluso, e é aquilo que nós andamos aqui a fazer. Nós estamos aqui para resolver os problemas do dia-a-dia, o melhor que a gente saiba, mas para isso têm que haver competências também (G29, p.119)</p> <p>“Preparar os reclusos para devolver à sociedade. O que não acontece” (G30, p.123)</p> <p>“É reeducar os rapazes que vêm para aqui, para irem para o meio social lá fora” (G31, p.125)</p> <p>“Em princípio tem que se cumprir o que está na lei, não é? A privacidade da liberdade, isso é o principal ponto” (G32, p.127)</p> <p>“... é guardar os reclusos. Eles estão privados da liberdade, cabe-nos a nós manter aqui a</p>
--	--	---

		<p>ordem e a disciplina, fazendo os possíveis para que as coisas corram como deve ser” (G33, p.130)</p> <p>“Sei lá, podemos falar de segurança, é uma coisa” (G34, p.133)</p> <p>“Sinceramente, acho que aquilo que está na lei não se cumpre. E às vezes os guardas fazem funções que não deviam fazer aqui, que cabem a outras pessoas, mas o sistema é assim” (G26, p.139)</p> <p>“A dos livros é a reinserção, mas não, de forma nenhuma” (G37, p.144)</p> <p>“Por exemplo pôr isto direitinho e não andar aos “esses”... Acho que é uma boa sugestão” (G38, p.149)</p> <p>“O estabelecimento prisional é o culminar da lei. Começa pelo recluso que comete o delito, chega ao juiz que diz “<i>vais preso</i>”, e acaba aqui. Aqui, é a sanção que está a ser aplicada. Na prática isto deve ter um efeito coercivo sobre o recluso. Isto é um sítio que não deve ser aprazível (...) eles deviam entrar e ter um conjunto de direitos muito reduzidos, os básicos, saúde, alimentação e pouco mais. E, à medida que eles fosse merecendo e mediante o tipo de pena que têm, eles deviam ir sendo alargados (...) Eles vêm para aqui e sentem-se no mundo deles, estão juntos com os gangs deles... não sentem o peso do que é uma prisão. Estão aqui indivíduos que são altamente perigosos e que são tratados como meninos (...)</p>
--	--	---

		<p>Isto é uma prisão, é um sítio onde eles deviam estar sobre pressão, aqui não, quem está sobre pressão é o guarda prisional. É verdade, nós temos aí certos sítios que os colegas têm medo de lá fazer serviço (...) Porque aqui há dois lados, o recluso e os guardas. Os guardas, depois, consubstanciam-se numa série de técnicos de apoio. Os guardas são os tentáculos de toda uma equipa. Como a cabeça não funciona bem, os tentáculos vão sofrendo, vão levando cortes (...) Agora não entendo é quando uma parte, nomeadamente, a chefia, anda a tentar tramar os guardas” (G39, pp. 155 e 156)</p> <p>“...é reter os indivíduos que estão privados da liberdade. (...) Só que isso é muito vago para a forma como deve funcionar um estabelecimento prisional no dia-a-dia (...) Nós não temos animais cá dentro, temos seres humanos. Um ser humano, independentemente de estar privado da liberdade, tem os seus direitos (G40, p.162)</p>
	<p>Aspectos a melhorar</p>	<p>“Excesso de subchefes. Estraga o ambiente, mesmo o próprio ambiente deles” (G.2, p.6).</p> <p>“ (...) criar mais actividades, cursos para os poder ocupar e com rigor” (G5, p.20)</p> <p>“Acho que havia de haver uma relação mais cordial entre os elementos, especialmente, da administração para as coisas funcionarem de uma forma melhor. Não haver tanta discórdia, não se misturar assuntos (...) acho que havia de haver mais união, acho que é o que faz falta nesta casa. É uma casa muito descoordenada a esse nível” (G6, p. 25)</p>

		<p>“Não sei... Isto já depende de outras organizações, não é só daqui” (G8, p.29)</p> <p>“responsabilizar as pessoas pelos actos que têm” (G9, p.32)</p> <p>“Pôr os presos todos numa ilha, e que tivessem que lutar sozinhos para a sua sobrevivência, não dando qualquer trabalho ou despesa ao estado” (G10, p.35)</p> <p>“Penso que os aspecto do trabalho. Se fosse mais organizado por parte da chefia. Se houvesse maior organização, maior cooperação entre os colegas, o serviço corria melhor. Maior planeamento (...) deviam pôr para aqui um determinado recluso e não misturar com outros que apanham quinze, dezasseis anos que já são mesmo marginais. Os primários deviam ser separados e não são” (G11, p.37 e 39)</p> <p>“Era mudar a direcção. Não funciona. Já tivemos aqui uma direcção, a última antes desta, que funcionou, para o bem e para o mal (...) devia haver um rastreio, todos os anos, aos guardas prisionais e eles só fazem se querem (...) Devia haver um apoio em termos de saúde, um apoio psicológico” (G12, p.41 e 43)</p> <p>“... parte das instalações, a disciplina, e quando falo em disciplina, começar logo pela parte dos guardas, porque há muita indisciplina. Devia haver guardas formados e então aí podíamos exigir disciplina aos reclusos. E em terceiro lugar a alimentação, melhorar a alimentação. Acho que estas três coisas são as principais”</p>
--	--	--

		<p>(G14, p.50)</p> <p>“Em termos de disciplina, o regulamento interno é uma coisa que eu mudava, sem dúvida. O espaço físico da cadeia também precisava de sofrer grandes alterações para haver mais segurança. Dar condições a eles para podermos exigir que eles cumprissem as coisas como nós queríamos (...) Mas acho que o factor disciplina para mim é essencial (...) Se cumprirmos as regras, e cada um cumprir o que tem a cumprir, não há nada a dizer” (G15, p.54)</p> <p>“Menos injustiça. As pessoas são todas iguais, todos trabalhamos. Muitas vezes paga o justo pelo pecador, quando é para dar alguma coisa, são sempre os mesmos que acabam por receber. Mas depois quando são os momentos mais críticos, são os primeiros a abandonar o barco. Estamos a falar em termos de escala (...) há pessoas que andam sempre lá a pedir e estão a ser muito beneficiados (...) A lógica devia ser o consciencioso, que passassem todos pelos mesmos sítios (...) São quase sempre os mesmos que vão fazer os cursos... Alguns são convidados, outros não são convidados (...) Aí há culpa directa das chefias e da direcção da cadeia, porque se der as oportunidades a toda a gente, toda a gente, quando chegar à altura certa tem as oportunidades (G16, pp.62, 63 e 65)</p> <p>“Epa... de momento não estou a ver... não sei” (G17, p.67)</p> <p>“... as pessoas, o respeito entre guardas e reclusos. Levar isto da melhor maneira, e haver</p>
--	--	--

		<p>mais respeito entre os reclusos e as pessoas que aqui trabalham” (G18, p.70)</p> <p>“Olhe mudava o aspecto de obrigá-los a trabalhar. Impunha mais a necessidade de ter que cumprir com o trabalho porque eles só fazem se quiserem. Só têm direitos praticamente e isso fica muito aquém daquilo que a vida nos exige” (G19, p.74)</p> <p>“Por exemplo, portaria. A portaria tem que ser um espaço onde se deveria trabalhar, e é o que não acontece. Actualmente, poucas pessoas são revistadas ao entrar na portaria, e todas deveria ser revistadas” (G19, p.77)</p> <p>“... tentava mudar tanto a disciplina dos reclusos, que acho que eles estão sem disciplina, não têm valores de educação, de trabalho... Pronto, acho que perderam muito isso das relações humanas. No início quando eu vim havia mais respeito, havia mais aquela coisa de trabalharem, de se interessarem por alguma coisa, agora não (...) Mas vê-se que não têm hábitos de trabalho, não têm horários... E a nível de educação também sinto que há muito mais indisciplina. Acho que eles notam que não são penalizados, que não são castigados severamente e, então, acho que não têm qualquer problema em dizer seja o que for, a quem for, seja director seja chefe, seja o que for... (...) A nível da farda também investia nos subchefes (...) Nas relações humanas também, muito, muito, muito (...) Mas no geral não sabem o que é o respeito pelos outros, não sabem chamar a atenção, por exemplo, em</p>
--	--	---

		<p>privado... (G21, p.81 e 82)</p> <p>“Devia ser, e acho que já está a ser administrada, uma disciplina que se chama “Código Deontológico do Serviço de Vigilância”. Acho que era fundamental uma disciplina em que se trata-se... pelo menos as pessoas saberem a ética profissional, formar equipas, trabalhar em equipas... (...) O recluso jovem até aos dezoito anos deveria estudar. Se os jovens lá fora são obrigados a fazer até ao décimo segundo, eles deviam estudar. (...) Mas no mínimo fazer a escolaridade obrigatória mas com formação profissional (...) Eu acho que devia de haver, nos anos que aquele jovem tem de pena, dois/três anos, fazer com que aquele jovem tire um curso e ficar minimamente apto para o trabalho. Mas não eles vão, porque se forem para o curso têm direito a precárias; se forem para o curso têm direito a dinheiro, enquanto que nós temos que pagar pelos nosso lá fora; têm direito a dinheiro, mais? Têm direito a estar abertos, fazer as negociatas deles (...) as formações têm sido muito pequenas, não é quase nada. E depois há uma formação aqui ou ali, nunca se põem a dizer quem é que quer ir, quem é que precisa. E depois os que há pelo sindicato (...) é sempre a partir das 19h. Quem é que consegue sair daqui às 19h, sem jantar, e estar lá até às 23h. (...) Tenho a certeza de que se fosse num horário mais digno (...), seria melhor. Porque eu não vejo mais ninguém da função pública a fazer estas formações fora do trabalho. Logo aí, acho que há uma discriminação (...) Para libertar o stress nós precisávamos de, já não digo todos os dias mas</p>
--	--	---

uma vez por semana, devíamos ter um horário para praticar exercício físico. E depois não há relação humana, percebe? (...) dou-me bem com estes indivíduos porque até preciso deles para qualquer coisa. Não há mais trabalho de equipa, e é muito difícil fazer trabalho de equipa quando as pessoas não estão todas juntas. Deviam existir outras formas para as juntar, não só quando é para comer e beber” (G22, pp.87, 89 e 91)

“Eu fazia meter em prática o que diz o 265/79, que é a reforma prisional que temos agora com as alterações que lhe foram introduzidas (...) os nossos gestores têm que se convencer que não estão a gerir uma coisa pessoal, estão a gerir os direitos do estado (...) Conduz-se o recluso à cadeia cumprir uma pena de x anos, e depois disso, para isso vem o 265/79 que faz reger o trabalho. Mas não é isso que se tem feito, não há uma aplicação da lei (...) Sinto que neste momento não sou o profissional para o qual fui preparado, porque não posso, não me autorizam, não me deixam. Só para dizer que fui trocado duas vezes num ano de serviço porque desempenhava as funções conforme está escrito e os nossos superiores não querem assim, querem que nós sejamos mais flexíveis (...) que nós de x em x tempo, devíamos ser obrigados... desde o exercício físico... então temos aqui rapazes com 16, 17, 18 anos, eu tenho 44...eles treinam todos os dias, fazem o exercício físico deles, nós não o fazemos. Qual é a minha preparação para lidar com uma situação dessas? Não tenho, não tenho” (G23, pp.96 e 97)

		<p>“A primeira coisa era dar ocupação a todos os presos para eles se sentirem úteis. Eles chegam a um ponto em que não se sentem úteis. Vêm ter quase a mesma vida que tinham lá fora” (G24, p.98)</p> <p>“O ensino. Acho que se devia voltar um bocadinho atrás ao que dantes tinham de melhor, que eram as oficinas. Coloca-los a trabalhar em profissões que hoje, praticamente, não existem porque não há mão-de-obra. Cursos mais práticos” (G25, p.102)</p> <p>“Queríamos ter mais viaturas, queríamos ter mais funcionários, queríamos ter mais condições, epa... não vale a pena ir por aí” (G26, p.106)</p> <p>“Sei lá... penso que a relação entre administração, chefia e guardas. Portanto, há aqui uns pontos um bocado divergentes. Há algumas divergências, e sempre vai haver. Há aqui duas situações distintas, não é? Uma é a parte da direcção e outra é a parte de farda, de vigilância. Isto está bem limitado, é assim, o que acontece é que, por vezes, esquecem-se dessa limitação” (G27, p.110)</p> <p>“Se eu pudesse punha-os todos a trabalhar” (G28, p.115)</p> <p>“Eu acho que os serviços prisionais para que funcionassem melhor, teriam que fazer uma selecção mais rigorosa. Não só em termos de formação, mas também em termos daquilo que a pessoa é, como pessoa” (G19, p.119)</p>
--	--	--

		<p>“Separá-los por pavilhões, por penas” (G20, p.123)</p> <p>“As condições de trabalho. As condições que nos são oferecidas não são as melhores que a gente pretende... horários, condições mesmo de trabalho, material... Tudo” (G32, p.127)</p> <p>“Educadores e as pessoas que visitam o estabelecimento e mais a nível de segurança. As coisas podiam... no meu entender, na minha opinião, ser diferentes” (G33, p.131)</p> <p>“ Eu acho que havia de haver mais competência a mandar, e saber mandar. Não é mandar, é saber mandar. Mas acho que não é só essa parte porque tem também haver com os serviços que estão à parte da segurança. Tem haver com psicólogos, educadores... mesmo o código penal em si... epa se formos a ver, tem tudo haver uma coisa com a outra (...) as coisas mais coordenadas e, às vezes se calhar também, certas burocracias em tantas coisas” (G34, p.133 e 134)</p> <p>“A situação do respeito, principalmente, dos presos. Deviam ser mais castigados” (G35, p.137)</p> <p>“Os presos deviam talvez de trabalhar mais, para além de não tirar as regalias que eles têm direito. Para eles irem lá para fora e irem já preparados para o trabalho” (G35, p.138)</p> <p>“... os reclusos passam muito tempo fechados. E às vezes criam-se muitos conflitos por causa</p>
--	--	---

		<p>disso mesmo. Eles foram abertos agora às 10h e saem do pátio às 11h45 e depois são fechados e só amanhã é que têm pátio da parte da tarde” (G36 p.140)</p> <p>“... Isto também havia de funcionar para criar hábitos de trabalho, mas antes de criar hábitos de trabalho, acho que havia de haver uma parceria com as entidades privadas para que eles, de facto, montassem microempresas para que eles se interessassem e pudessem ganhar (...) A disciplina. Existe muito pouca disciplina por conveniência do nosso director. Já houve aqui uma altura em que a disciplina imperava e isto andava mais ou menos em ordem. Não me posso, pessoalmente, queixar porque também tento que as coisas não descambem nesse sentido” (G37, pp.144 e 145)</p> <p>“Por exemplo pôr isto direitinho e não andar aos “esses”... Acho que é uma boa sugestão” (G38, p.149)</p> <p>“Nós não temos formação nenhuma, tiramos um curso de guardas, que é um curso muito genérico, e depois não temos técnicas nenhuma para lidar com os reclusos (...) Mais formação, formação específica, nomeadamente, técnicas de defesa... depois aliado a dias para a prática de exercício físico, eu faço mas é à revelia do serviço... menos horas, muito menos horas, o horário é uma coisa louca... estar aqui 24h, é 24h aqui dentro, dentro desta pressão. Quando é ao fim de dois, três meses, já noto essa saturação de manhã ao levantar, e a influenciar nós próprios, com os pais, com os filhos (quem</p>
--	--	--

		<p>os tem), quem está ao nosso lado” (G39, p.152 e 153)</p> <p>“... mas posso-lhe dizer que na portaria, o serviço que eu estou a desempenhar era dar visitas de amigos aos reclusos mas teria que ter primeiro conhecimento de quem são esses amigos (...) estas pessoas teriam que ver se esse indivíduo já teve algum problema a nível de estabelecimento prisional, ou não, se já esteve proibido de entrar durante algum tempo, se não teve, por aí fora (...) Agora a nível nacional era ter os reclusos divididos por crime” (G40, p.163)</p>
	<p>Relação com os Colegas de Trabalho</p>	<p>“Isto é formado por grupos. Eu pertença aquele grupo que tem um fulano tal que vai dizer ao director, o outro grupo tem outro fulano tal que vai dizer ao director e então é assim que isto funciona. E depois há colegas que só se sentem bem na chefia, porque se sentem apoiados” (G2, p.5).</p> <p>“agora tenho que lidar com quase todos os sectores do estabelecimento ao mesmo tempo. Não posso dar uma resposta negativa, ou menos correcta digamos, a um qualquer elemento de vigilância porque, se a der a ele, se calhar intrinsecamente, duas horas depois, se calhar esse dia já corre mal para todos os efectivos. E às vezes há algumas emoções à mistura. E é mais difícil lidar com isso (...) Muita sensibilidade diferente, muitas competências diferentes... Quer dizer, se calhar, a mistura das duas coisas, não sei” (G3, p.10).</p>

		<p>“Eu, de uma maneira geral dou-me bem com os colegas todos de trabalho, não tenho assim nenhuma razão de queixa. Porque é assim, eles têm o feitio deles, eu tenho o meu (...) às vezes, eles dizem <i>“ah é bom ser mulher aqui, não fazem nada”</i>. Lá está, uma guarda feminina não vai abrir os reclusos das celas, eles fazem isso, nós não fazemos” (G6, p.24)</p> <p>“Há um conflito de interesses entre a classe” (G11, p.38)</p> <p>“... podem muito bem fazer esse serviço e não fazem, estão sempre encostados uns aos outros. E às vezes um gajo tem serviços para fazer, tem mesmo aquela hora marcada e não pode ir, e depois há outro pessoal que pode, e podia desenrascar e não desenrasca. Estão sempre à espera de alguém. Não há entreaajuda. Eles só pensam, única e exclusivamente, neles. Fico ali angustiado (...) Quando chega a altura, o fim do mês, todos vão lá ao mesmo dia receber o vencimento. Fico chateado, fico alterado e altera-me o meu sistema nervoso, fico debilitado. Como missão, o serviço tem que ser feito (...) Pessoas como eu, acabam por fazer e como o serviço é sempre feito nunca chega à ruptura. Mas eu sou uma pessoa que também tenho os meus limites. Quando chego à exaustão também sou o primeiro a dar o meu ponto fraco” (G16, pp. 59 e 60)</p>
	<p>Concepções sobre o Retorno Financeiro</p>	<p>“Sim, consigo equilibrar as contas ao fim do mês...” (G1, p.3).</p> <p>“Depende das alturas porque que, às vezes, faço</p>

		<p>trabalhos que não me pertencem. Eu faço trabalho de subchefe, às vezes e não tenho esse vencimento, nem tenho correspondência” (G2, p.6).</p> <p>“Gostaria de ter mais. Mas se calhar, se dissesse, que os meus pais (...) ajudaram até onde entenderam” (G3, p.11).</p> <p>“Não. Tenho algumas dificuldades a este nível. Para aquilo que fazemos deveríamos ser melhor remunerados” (G.4, p.16).</p> <p>“... falando honestamente, tomaria muita gente receber aquilo que a gente recebe (...) Eu acho que o ordenado está adequado, não se pode dizer que não” (G5, p.19).</p> <p>“... comparando com certos ordenados, até não estamos mal. Mas claro que toda a gente gostava de receber um pouco mais” (G6, p.23)</p> <p>“Acho que sim, há quem ganhe menos. Não é muito, por ali além, mas acho que sim” (G7, p.27)</p> <p>“ Nós nunca estamos bem com aquilo que a gente quer. Queremos sempre mais. Esta missão não é fácil, esta missão é um bocado difícil (...) Nós não temos, nomeadamente, subsídio de turnos e estamos a trabalhar por turnos continuamente, não é? Em relação as horas, fazemos horas a mais e só recebemos um terço” (G8, pp.29 e 30)</p> <p>“Não, nunca é suficiente” (G9, p.32)</p>
--	--	---

		<p>“O ordenado base é muito pouco para o que um guarda sofre a aturar os reclusos” (G10, p.35)</p> <p>“Penso que não sou muito bem remunerado para o serviço que desempenhamos. O ordenado dá para as necessidades básicas mas pouco mais” (G11, p.38)</p> <p>“Não, nada justifica (...) Se tivesse que optar, com conhecimento, não vinha para guarda prisional” (G12, p.42)</p> <p>“Olhe se calhar o dobro ainda era pouco (...) Normalmente, não chega, pensamos sempre que ainda é pouco. Mas se calhar, comparado com aquilo que muita gente para aí ganha, não está mal” (G13, p.45)</p> <p>“Mas eu acho que neste momento, estar no nosso serviço ganhasse bem, é satisfatório” (G14, p50)</p> <p>“Nós guardas prisionais não somos mal pagos. Temos um ordenado bastante razoável e aceitável (...) Temos um horário flexível porque isto também é considerada uma profissão de desgaste rápido, temos um horário mais ou menos que compensa. O ordenado, não podemos dizer, porque há muita gente que para ganhar o nosso ordenado tem que trabalhar de segunda a sexta, e trabalham bem mais do que nós” (G15, p.55)</p> <p>“Sim. Não me posso queixar (...) O dinheiro em si não é muito, nós todos sabemos que não é muito, mas que o ministério e o governo fossem</p>
--	--	---

		<p>mais... (...) coerentes e mais responsáveis. Já ando para subir de escalão à três/quatro meses, não há lógica, não há coerência” (G16, p.63)</p> <p>“Não é o suficiente, evidente que nunca é o suficiente, mas temos que fazer os possíveis para que uma pessoa chegue ao fim do mês e tenha as coisas, mais ou menos, equilibradas” (G17, p.73)</p> <p>“Houve uma determinada altura em que pensei que, de facto, como profissional eu achava que estava a ser bem pago. Claro que se me comparar com as pessoas de fora, claro que posso dizer que estou numa posição mais alta. Se calhar estou melhor do que muita gente aí fora. Já também cheguei à conclusão que, muitas vezes, mediante aquilo que nós passamos aqui, e nós sofremos um bocadito se calhar, tenho a sensação que não chega” (G18, p.70)</p> <p>“Sim, no geral sim” (G19, p.74)</p> <p>“É claro que não. Acho que, muitos de nós, quando chegamos cá, procuramos uma profissão que por vezes não sabemos o que é que é. Mas quando cá estamos, acabamos por ficar, e acabamos por nos acostumar e, se calhar, agarrar isto com um certo gosto. Mas aquilo que recebemos não é suficiente para aquilo que fazemos” (G20, p.78)</p> <p>“Eu acho que sim, acho que a nível de vencimento nós não somos mal pagos” (G21, p.85)</p>
--	--	---

		<p>“Se formos pensar com outras pessoas que, se calhar, também desempenham tarefas difíceis e que não estão na função pública, estão noutra instituição que não seja a pública, se calhar nós nem somos daqueles mais mal pagos (...) Mas acho que, dentro do que nós fazemos, não somos bem pagos, relativamente ao horário que a gente faz. Se tivermos em conta o horário que a gente faz e que não é remunerado, isso é, só é remunerado uma parte dele, estamos muito mal pagos. Agora, com este vencimento dentro do horário de lei, podíamos aceitar que estava, razoavelmente, na média. Como não nos pagam o horário todo que a gente faz, acho muito abaixo, muito aquém do que seria normal e de esperar” (G22, p.88)</p> <p>“O dinheiro é muito importante, mas a estabilidade é mais importante. Eu antes queria manter o dinheiro, o vencimento que tenho e ter mais estabilidade no trabalho, sentir-me mais realizado a trabalhar do que propriamente (...) O ordenado não é grande, mas é razoável, em relação à maior parte das pessoas é um vencimento razoável” (G23, p.97)</p> <p>“Não, não, não. Não sei se tu entendes, mas poucas pessoas entendem a nossa função. Todo o dia a ouvir problemas. E nós não somos tratados como pessoas” (G24, p.99)</p> <p>“Às vezes para a carga de nervos que levo daqui, não. Acho que isso não tem preço” (G25, p.102)</p> <p>“Não” (G26, p.107)</p>
--	--	--

		<p>“... eu consigo satisfazer porque é assim, a minha educação também foi essa, eu nunca dei um passo maior do que aquilo que devia dar. (...) Epa, se calhar, não paga. Mas também temos que ser nós a saber gerir as nossas chatices (...) Portanto, ao não termos muitas chatices, se calhar o que nós ganhamos é suficiente. (...) Uma pessoa andar sempre aí stressado... se uma pessoa se souber controlar, acho que é o suficiente (G27, p.113)</p> <p>“Não, acho que para economizar chega, agora para fazer uma vida mais ou menos. Se tivesse que vir sempre no meu carro trabalhar, não chegava” (G28, p.116)</p> <p>“Acho que sim porque, apesar da nossa profissão ser de risco e de muito stress, somos responsáveis por esta gente que está aqui e que cometeu um crime. Há pessoas boas presas mas uma grande percentagem não o são, não é? Nós é que temos que tomar conta dessa gente, e lidar com essa gente e tem que se saber... e enquanto nós não soubermos gerir as coisas, dá cabo da cabeça. Eu acho que aquilo que eu ganho... se calhar tomara muita gente ganhar aquilo que eu ganho. Em termos remunerativos não é por aí, é em termos desgastantes. Uma pessoa que ande aqui, não digo a 100%, mas a 80/90%, um gajo dá em doido. Se andar aqui pode andar, como muitas pessoas andam, não custa nada” (G29, p.121)</p> <p>“Suficiente não é. Não temos poder de compra, há dificuldades” (G30, p.124)</p>
--	--	---

		<p>“Não. Comparado com outras profissões lá fora... trabalhar sábados domingos, carnavais, páscoas, natais... somos mal pagos” (G32, p.128)</p> <p>“... nós temos que saber gerir e viver com isso, não é? Temos que saber gerir o nosso ordenado (...) podíamos ser mais bem remunerados para aquilo que fazemos e para o desgaste que temos na nossa profissão, acho que podia ser bem melhor” (G33, p.131)</p> <p>“Não é pouco porque, hoje em dia... às vezes o dinheiro não é tudo, mas dá sempre jeito, não é? Mas pronto, nem mal nem bem. Se fosse mais um bocadinho, não era pior” (G34, p.134)</p> <p>“É (...) Tem que chegar” (G35, p.138)</p> <p>“Olhe os guardas prisionais têm muito a mania de se queixarem do que recebem, mas eu sinto-me um felizardo em relação aquilo que eu ganho. Dá perfeitamente para o dia-a-dia, para o mês... se uma pessoa for a ver, em relação às pessoas lá fora, estamos muito bem” (G36, p.140)</p> <p>“Nunca estamos satisfeitos com o que ganhamos mas é assim, se eu fizer uma comparação em termos do trabalho que executo, tenho noção de que acho que não estamos assim tão bem remunerados. Se nós não fizermos horas e não sei quê, recebemos uma bagatela. Se alargar um pouco mais, e olhar para aquilo que me rodeia, se calhar em relação aquilo que os outros ganham, ganho mais que eles. Mas, de</p>
--	--	--

		<p>facto, para aquilo que uma pessoa faz, é obrigado a ouvir, para aquilo que uma pessoa sofre aqui, os Natais, passagens de ano, as Páscoas, os anos dos filhos... juntando tudo isso acho que não somos bem remunerados” (G37, p.146)</p> <p>“Não, não recebemos... Acho que não somos remunerados tão suficientemente... Além de sermos guardas, fazemos muito mais que isso... Temos que ser um pouco psicológicos também... psicólogos digo” (G38, p.149)</p> <p>“Absolutamente que não. Aliás, é tão ridículo que nós fazemos horas que não são pagas (...) o que nós ganhamos não é injusto e, além de não ser justo, são obrigados a pagar e não somos pagos (...) a remuneração, tem que ser proporcional ao tipo de prestação que se faz, ou seja, se eu faço 220h, têm que se pagas 220, se são 250, têm que ser pagas 250. Não é duzentas e qualquer coisa... a percentagem não interessa” (G39, p.157)</p> <p>“ ... eu costumo dizer que só ganho aquilo que eu mereço e, mesmo assim, teria que se ponderar um bocadinho mais (...) não se admite um funcionário (...) ganhe o subsídio de risco, ou ganhava, reformou-se levou o subsídio de risco com ele. Nós, os guardas, não ganhamos subsídio de risco, e somos nós que lidamos com eles (...) uma fábrica qualquer onde trabalham por turnos, o funcionário tem subsídio de turno. Nós aqui trabalhamos por turnos e não temos subsídio de turno (...) Os civis têm, e nem sequer têm contacto com eles,</p>
--	--	---

		<p>agora, os guardas não têm subsídio de risco ” (G40, pp. 163 e 164)</p>
<p>Reclusos</p>	<p>Concepções sobre os reclusos</p>	<p>“Estes reclusos daqui são mais novos, são mais impulsivos, mais “respondões” (...) são mais agressivos. A coisa de eu também já ter sido agredido três vezes, não é isso que me vai desmotivar” (G1, p.2).</p> <p>“Depende. São um pouco rebeldes, temos que nos familiarizar um pouco com eles, e partir daí, tentar levá-lo para os objectivos que pretendemos. Se entrarmos com força, não vamos a lado nenhum, e vamos entrar em conflito de parte a parte. Depois, perde-se a educação, perde-se o tabu, de cada um estar no seu lugar” (G2, p.7).</p> <p>“Acho que vão do oito ao oitenta (...) Temos pessoas que caíram cá porque pronto, cometeram um crime, e têm que pagar e temos cá muitos que desde pequeninos ou não tiveram apoio, ou foi sempre o caminho mais fácil, não tinham pais para os educar, não tinha valores de referência, aquelas coisas todas que se entende naquelas questões todas sociais. O resumo disso tudo está aqui dentro neste momento, infelizmente” (G3, p.11).</p> <p>“A maior parte deles são muito... Tratam-nos mal, falam mal, chamam nomes, são um bocado agressivos” (G4, p.16).</p> <p>“Nota-se que trabalhar com os indivíduos de cor, é muito mais difícil, do que trabalhar com a raça branca. Talvez pelos gangs... e nota-se, no</p>

tempo que eu cá estive, que agora é muito mais difícil, talvez por isso. Os da raça negra são em maior número do que há uns anos atrás. Há uns anos atrás existiam conflitos mais com a raça cigana mas era um grupo minoritário. Raça negra, existiam muito poucos. Agora é ao contrário, é o inverso. Eu, quanto a mim, acho que eles são muito mais racistas do que nós. E depois é os grupinhos deles... até entre eles há conflito” (G5, p.19)

“... não dá para ter um relacionamento, são pessoas muito infantis “*é guarda, tudo o que é mau está relacionado com o guarda*”. Já nos vêem como uma coisa negativa (...) Por problemas familiares que se calhar tiveram, se calhar já são filhos de reclusos (muitos deles são, inclusive conheci alguns que as mães já tiveram em Tires), talvez também devido à idade. É uma população muito jovem, e então... Às vezes a conversa tem que ser mesmo curta (...) Trabalhava com uma população que tinha outra idade. Depois a mulher é assim, fala, fala, fala e eu punha-me a pensar “*ai meu Deus tanta mentira*” (...) Elas consideram-se sempre todas inocentes, nunca conseguem admitir o que fizeram (...) Ninguém está aqui inocente, todos têm culpa (...) Mas há uma diferença, eu acho que também tem muito haver com o factor idade. São muito imaturos aqui os reclusos, muito irresponsáveis” (G6, pp.23 e 24)

“... eles são especiais, porque são menores. Os reclusos jovens têm um temperamento diferente do que os homens feitos. Tem que se tratar com eles de maneira um bocadinho diferente, mais

		<p>um bocadinho psicológica, penso eu” (G7, p.27)</p> <p>“A actual conjuntura não é fácil. É difícil. Nós vemos por aqui o que vai lá para fora” (G8, p.30)</p> <p>“Varia muito de pessoa para pessoa (...) Tem que se levar um prisma de respeito mútuo (...) Uns melhor, outros pior... Tenho colegas que às vezes não têm tanta paciência, outros têm mais, mas no geral dá para levar a coisa mais ou menos (G9, p.32)</p> <p>“Não confio em nenhum. Só pensam em roubar e fazer malandragens. São mais mal-educados, irreverentes...não respeitam o próximo” (G10, p.35)</p> <p>“Têm mais experiência, cada vez mais novos... Começam mais novos. Chegam aos dezoito, dezanove já com muita experiência. São mais rebeldes (...) Depois há os africanos, os ciganos...” (G11, p.38)</p> <p>“Estes são muito especiais, porquê? São delinquentes, pronto... e quando são detidos, são inseridos num grupo de mais velhos, lá nas outras cadeias, logo não têm como se movimentarem. Quando vêm para aqui querem-se impor, e então, um quer ser superior ao outro sempre, derivado à idade, juventude e não sei quê... então os conflitos existem derivado a um querer-se impor ao outro, e então os conflitos estão sempre a existir (...) Eles estudam-nos a nós como nós estudamos a eles, como nós os conhecemos, eles também nos conhecem muito</p>
--	--	---

		<p>bem (...) conhecemo-nos de uma maneira positiva e negativa, e eles também conhecem-se e, então, torna-se muito difícil” (G12, p.41)</p> <p>“a qualidade deles seja muito pior do que à dez anos atrás (...) Antigamente, se calhar o recluso que vinha para aqui era um bocado “tapado”, digamos assim. Metia-se no crime, se calhar por ingenuidade, para acompanhar outras pessoas lá fora, mais velhas. Agora não. Estes rapazinhos novos de dezasseis anos, já pegam em caçadeiras, assaltam bombas, roubam, matam... (...) São, chamemos-lhes, mais perigosos (...) A relação é mais difícil com aqueles que não tiveram uma relação familiar, vá... Um acompanhamento familiar bom, foram meninos de rua. Há-de reparar que a maioria dos reclusos daqui são afro-europeus, que para mim são pretos. Portanto, que tiveram pais alcoólicos, prostituição, sem trabalho (...) É mais difícil com esses. Não têm regras. Mesmo que se a gente disser “<i>olhe não pode fazer isto</i>”, ele diz que sim e passados cinco minutos está a fazer o contrário.” (G13, p.45, 46 e 47)</p> <p>“Aqui há vários tipos de reclusos. Há aqui os reclusos que vieram para aqui e tiveram a infelicidade de vir, nem tiveram se calhar um advogado que os defendesse, se tivessem não estaria aqui. E há aqui reclusos que estão aqui com grandes penas e que a vida deles vai ser continuar nas prisões e estes são os indivíduos que nos dão certos problemas. Estragam-se a eles próprios, eles já estão estragados, não é? E estragam os colegas, aqueles que se querem recuperar, que se querem reintegrar não</p>
--	--	--

		<p>sociedade, não conseguem. São atropelados por estes indivíduos que são estes tais ditadores, estes cabecilhas, estes pintarolas como eles dizem, e é um bocado difícil” (G14, p.51)</p> <p>“Embora eles sejam rapazes novos, e é muito complicado trabalhar com este tipo de presos porque são rapazes novos... Muito exaltados, percebe? Aquela idade muito rebelde em que a gente faz tudo, e parte tudo, e... É complicado (...) Estes presos, aqui, dão muito mais trabalho do que os presos com outras penas e com outras idades. Tanto que quando me apresentei aqui, fiz mais participações em dois meses e meio que lá estive do que na minha vida toda de guarda (...) São miúdos muito problemáticos, com idades problemáticas das zonas de Lisboa e do Porto, muitos grupos, muitos presos agarrados a muita medicação... (...) E depois há muitos conflitos entre eles, porque também são de muitos bairros. É muito complicado. Muitos deles têm pouco disciplina, ou nenhuma, foram criados em condições muito adversas também e, às vezes, não é fácil lidar com eles. Esta é uma idade muito complicada. Os problemas aqui são quase diários (...) O recluso vem de lá de fora bem agressivo, vem contrariado, vem frustrado e, depois, aqui dentro demonstra isso” (G15, pp.54, 55, 56 e 57)</p> <p>“Às vezes abro exceções e entro mais em brincadeira, tendo levar isto na boa. Às vezes um recluso é mais mal-educado ou é mais agressivo comigo. Cerca de um terço são assim mais arrogantes. Mas também gosto de ver a ficha técnica, ver o temperamento para ver o que é que se pode tirar dali. Saber até onde se pode chegar</p>
--	--	--

		<p>ou não chegar, dar mais ou menos espaço (...) Os reclusos que eu vi quando vim para cá há dez ou onze anos eram diferentes, eram mais homens, estes são muito meninos. Os psicólogos diziam alguma coisa e a gente orientava. Às vezes eles eram um bocadinho mais rebeldes mas a gente no momento conseguia impor algumas regras, eles sentiam muito mais a cadeia, agora não. Há muito mais liberdades, fazem asneiras mesmo cá dentro. Nós vamos lá cortar e depois vem alguém por detrás e dá outra vez” (G16, p.63)</p> <p>“Já trabalhei noutros estabelecimentos com homens, onde se tornava um bocadinho mais benéfico para a nossa parte. Os homens tinham outras conversas com a gente que esta rapaziada não tem... e estes aqui novos, entrados pelas primeiras vezes nas cadeias, são um bocado difíceis de trabalhar com eles. Depois com o tempo eles vão... embora haja alguns que nunca se consigam reconciliar com os guardas. Há sempre aquela parte de revoltados. Isto aqui para mim, estou aqui há vinte anos, foi um bocado difícil adaptar-me a este sistema, do que noutra cadeia por onde passei” (G17, p.67)</p> <p>“Olhe eu vejo-os todos da mesma maneira, não faço distinções entre eles. Agora eu acho que, actualmente, e falando destes aqui, salvo algumas excepções, são tudo casos perdidos. Mesma a maneira de pensar, aquilo que eles dizem, aquilo que falam com a gente... eu acho que dificilmente se consegue tirar dali alguma coisa” (G18, p.70)</p> <p>“A opinião que eu tenho é que, parte deles, são</p>
--	--	---

		<p>fruto da experiência que foram obrigados a viver (...) tenho a consciência de que, parte deles, tem uma grande desorientação pessoal, ou seja, um pouco à toa... Não têm bem noção daquilo que os espera. Olham para o prazer imediato, não reflectem sobre as consequências, não têm noção do que está bem e está mal (...) Há alguns com penas pequenas que não interiorizam, ou seja, encaram isto como um acidente de percurso e não tem qualquer objectivo, nem qualquer perspectiva de mudança. Há outros que, realmente, tendo a consciência que vão cá estar durante muitos anos, isso pesa-lhes e a atitude que têm é <i>“já que estou aqui, estou mal, vou ver se consigo ter o melhor proveito possível para sair o mais rápido possível”</i>. Não é pelo tempo da pena, é mais pela personalidade que nós vimos os mais difíceis e... O tempo da pena não é significativo (...) Está aqui uma instituição dispostas a tratar-lhes dos problemas, a ouvi-los, a aceitá-los como são... e isto, embora seja importante, eles habituam-se a viver assim e não sabem viver de outra maneira. Chegam lá fora e, não tendo hábitos de trabalho, não tendo capacidade de dar a volta aos problemas que o mundo lhes oferece, facilmente aqui porque aqui é mais fácil” (G19, pp.73 e 74)</p> <p>“Esta população prisional é uma população que pensa que sabe tudo. Não sabem nada. Reclamam de tudo, refilam de tudo e, se for preciso, agem mesmo. São muito agressivos, esta faixa etária é muito agressiva. Eu já trabalhei em Coimbra e lá a população é diferente, são reclusos com uma certa idade, dos 25 aos 70/75 anos. Tornam-se mais manhosos, porque quando fazem, fazem por calculismo, mesmo para fazer. Mas por outro</p>
--	--	--

		<p>lado, acabam por ser mais bem-educados, mais respeitadores. Estes agem com “o sangue na guelra” (...) Mas mesmo assim, aqui, acaba por ser mais desgastante (...) tem haver com a personalidade dos indivíduos, e com a idade também” (G20, p.77)</p> <p>“Connosco, ao nível do pessoal feminino, não há problemas. Eles respeitam, conseguem conversar... acho que nos vêem, um bocadinho, com uma imagem maternal. Com os colegas não, já há aquele conflito, aquela coisa de medir forças, os insultos, essas coisas... (...) Nunca houve assim um problema de faltarem ao respeito, ou qualquer coisa. Com os colegas já é completamente diferente, aí já os mandam para todos os lados e mais alguns e, pronto, têm violência física também (G21, p.82)</p> <p>“Esta faixa etária é muito diferente da dos adultos, não tem nada haver uma coisa com a outra (...) E depois temos dois tipos de reclusos: aquele que é recluso já por si, que é filho da instituição, que passa por todos os degraus da instituição, desde a correcção, o lar de menores, por aí fora, até cumprir prisão efectiva; e temos um outro tipo de recluso que, acidentalmente, vem cá parar (...) Tem diferenças os consumidores de estupefacientes dos outros. Nota-se uma grande diferença, há sempre aquela ansiedade de saber os contactos, pronto... diferencia-se um bocadinho. Agora de resto os outros... do roubo, ao homicídio, ao violador... agora em relação aos consumidores de estupefacientes, nota-se muito. Mais conflituosos e aquela ansiedade da procura, se consegue senão</p>
--	--	---

		<p>consegue, a procura de medicação... a pessoa nota logo quando é consumidor ou não (...) Estive três meses ali entregue à escola e digo-lhe, sinceramente, eles cumpriam e eram educados porque nós nos opúnhamos, e obrigávamos a que eles cumprissem, porque de resto... Eles nem lá apareciam. Eles, se pudessem, saiam, ficavam ali a passear e isto é mesmo assim (...) E mesmo daqueles que têm mais vontade, deveria depois haver uma selecção e, progressivamente, mudarem de turmas. Seleccioná-los para que não prejudicassem os outros (...). E agora mesmo na formação profissional, mesmo a receberem dinheiro, que já dava uma verba significativa, mesmo assim era o cabo dos trabalhos para entrarem, eram insolentes, eram malcriados, mesmo com os professores porque os professores estão lá a desempenhar a função deles (...) O que mais me revolta às vezes, e agora já não me acontece tanto, é a gente estar a levar com a má educação do recluso... a gente está a ser educada com eles, porque eles também podem estar num mau momento, e depois se for preciso, pronto... castigar, corrigir... as pessoas ainda duvidarem se isto aconteceu ou não, quem ter poder de decisão” (G22, pp.88, 89 e 90)</p> <p>“Lidar com pessoas adultas e com jovens é totalmente diferente. Os jovens é mais à base da psicologia, mais à base da palavra porque se nós entrarmos... como é que eu hei-de dizer? Em choque, em conflito, não é que a gente não saiba executar a nossa profissão” (G23, p.95)</p> <p>“Está tudo agarrado à droga, falando um português correcto, e através daí advêm os</p>
--	--	--

	<p>problemas. Havendo consumo há dívidas, havendo dívidas há confusões, são muito conflituosos (...) Pois, eu já passei por outras cadeias e isto não tem nada haver. Um homem sabe o que quer, este ainda se quer afirmar. Esta idade do recluso, eles querem-se afirmar, dos 16 aos 21... Acho que é quando o ser humano se quer afirmar e depois, às vezes, faz coisas sem pensar (...) Lá era mais fácil, e até a linguagem é outra, as conversas são outras, não tem nada haver” (G24, p.99)</p> <p>“A idade não desculpa tudo, porque eu já fui da idade deles e não era assim, mal-educada. Estes jovens são mais conflituosos, mais mal-educados, mais imaturos. Estão cada vez pior (...) São tipos de reclusos que eu... sempre habituada a trabalhar com mulheres, e com homens mais... com uma população etária mais elevada, estes são muito, muito rebeldes. Para eles os valores deles é terem umas sapatilhas de marca, isso é que é importante para eles... ” (G25, p.103)</p> <p>“Para já há pouca vontade da parte deles. Penso que se conseguirá, se calhar, mais êxito dentro de uma faixa etária mais avançada do que com o pessoal desta faixa etária. Este pessoal de dezoito/vinte anos ainda tem a ideia de que vive eternamente e o futuro está além. As pessoas adultas já pensam de outra forma (...) É complicado, eu quando tinha a idade deles, também era complicado. É a nossa idade de rebeldia, a nossa idade de afirmação é, precisamente, aqui. (...) Eu não tenho uma opinião específica sobre os reclusos. Cada caso é um caso” (G26, pp.106 e 107)</p>
--	---

		<p>“É como se diz na gíria deles <i>“a chavalada nova que tem aquele sangue na gueltra”</i>, cheios de força... Só que são putos, são crianças, não é? Nós conseguimos controlar bem a situação, e é pessoal que está sempre em actividade, não têm problemas nenhuns em fazer frente a um guarda ou qualquer coisa. Numa cadeia de alta segurança é totalmente diferente, não é? Lidamos com homenzinhos, eles já pensam mais que uma ou duas vezes, agora, estes não. Quando é para explodir, explodem e nós temos que saber gerir essa situação. É mais difícil trabalhar aqui, muito mais, do que trabalhar numa cadeia de alta segurança (...) Mas os nossos presos estão a mudar, é Moldavos, é Ucrrianos... são outro tipo de crimes, é mais complicado, são mais frios. Penso que a nível de serviços prisionais não estamos preparados para essas situações. Vamos ver... penso que são os presos do futuro (...) Mas uma pessoa anda sempre em tensão, sempre a ver quando é que eles se portam bem, quando é que eles se portam mal, são garotos (...) Há uma tensão constante, mas é controlável, eu sei que consigo controlar (...) São os meninos protegidos a nível nacional. E no fundo esta é uma cadeia especial, em tudo. Mas às vezes esquecem-se que isto é uma cadeia. Isto não pode ser uma escola como já foi” (G27, pp.111 e 112)</p> <p>“São conflituosos todos. Fazem mal para o outro ainda fazer pior, para se evidenciar. Penso que são pessoas sem objectivos na vida, o único objectivo que têm é só pensar no crime, mais nada” (G28, p.116)</p> <p>“eu cheguei aqui... não se falava com os reclusos,</p>
--	--	---

		<p>ou era ou não era, ou cumpria ou não cumpria. Hoje não. E mesmo o próprio recluso, há uns dez anos atrás, não se conseguia ter um diálogo com o recluso... o recluso era mais revoltado, tinha outra educação, não é? Estes agora são filhos dos pais que já tiveram cá, e a maneira de ver as coisas era diferente. Os reclusos hoje todos têm, no mínimo, o quarto ano, o sexto ano, não é? Não há quase nenhum aqui que não tenha o ciclo (...)</p> <p>Já vêm com o nono ano agora. Não sabiam ler, não sabiam escrever, não entendiam as coisas, era só à porrada que eles se entendiam. Eram mais violentos, eram mais estúpidos, eram mais tacanhos, não captavam nada, não ouviam. E, hoje em dia, se as pessoas souberem, conseguem evitar o conflito, na altura não, não havia hipótese. Hoje o recluso já ouve, já sabe ouvir aquilo que se lhe diz, já sabe medir as consequências, quais são as mais-valias, quais são as consequências disto e daquilo” (G29, p.120)</p> <p>“São miúdos, são putos é difícil trabalhar com eles. Enquanto um marginal, noutras cadeias, mesmo contra a vontade faz o que mandamos, aqui é preciso quase empurrá-los. Existe mais contacto directo” (G30, p.124)</p> <p>“São mais rebeldes. É mais difícil de lidar com eles... tem haver com o carácter de cada um” (G31, p.126)</p> <p>“Já trabalhei noutro estabelecimento mais pesado que este... só que davam menos trabalhos que este. Estes tentam dificultar mais a vida dos guardas, são mais chatos... carregam tudo para cima dos guardas... de onde vim não há destes</p>
--	--	--

		<p>problemas. Tenho que arranjar mais energia, mais paciência” (G32, p.128)</p> <p>“Depende, neste estabelecimento é mais difícil porque são miúdos (...) Há sempre uns mais fáceis de trabalhar do que outros, uns são mais complicados dos que outros (...) Estes aqui são mais complicados. São mais complicados porque são miúdos. Não estão habituados a ser mandados, nem a ter regras nem nada disso e é mais complicado” (G33, pp. 130 e 131)</p> <p>“É difícil trabalhar com eles, para já por causa dos direitos que eles têm e eles sabem, às vezes, mais do que nós como aproveitar esses direitos (...) E então derivado a esses direitos, eles pensam que são mais do que aquilo que são, logo aí é mais difícil penso eu. Às vezes eles dizem-nos certas coisas que nós não conseguimos apanhar porque não estamos bem dentro do assunto e tentamos dar a volta pelo outro lado (...) Acho que tem tudo haver com a esperteza deles, porque no fundo é esperteza (...) para já como está a lei, como disse, e também eles sabem também andar dentro disso, sabem jogar com isso (...) Tornam-se mais espertos porque a lei também permite isso (...) hoje em dia, o recluso não faz nada senão quiser, eles próprios o dizem (G34, p.134 e 135)</p> <p>“Alguns são mais meninos, outros são mais mal comportados” (G35, p.137)</p> <p>“Aqui o serviço custa mais a levar do que numa cadeia com homens (...) a gente peca muito, nós guardas, chegamos a um ponto no trato em que já</p>
--	--	---

		<p>não é como se fosse uma cadeira de homens, aqui não é “<i>vocês isto, vocês aquilo</i>”, é por “<i>tu</i>”. O recluso, às vezes tira-nos sempre uma certa autoridade (G36, p.140)</p> <p>“São extremamente rebeldes. Estão na flor da idade. (...) Isto são homens de “h” pequeno vá, porque têm atitudes de homens como têm atitudes de crianças, de adolescentes pronto. É um pouco complicado lidar com eles. Temos que ter um bocado de jogo de cintura para poder lidar com eles” (G37, p.144)</p> <p>“Já trabalhei em outros estabelecimentos e era mais fácil trabalhar porque são homens, aqui são garotos. Sabiam respeitar a farda, aqui acontece ao contrário. Aqui não respeitam ninguém” (G38, p.149)</p> <p>“Aqui é um pouco a nata dos criminosos. Aqui são os criminosos que já cresceram como fruto da nossa sociedade e isso é claro (...) Estamos a falar de indivíduos que nunca tiveram nenhum apoio, que sempre tiveram em gangs. Vêm para aqui, vêm para a cadeia e sentem-se como peixe na água. É diferente de outras cadeias, onde indivíduos cometeram um delito social (...) Agora estes aqui, são indivíduos que são como peixe na água e que vão lá para fora e vão fazer exactamente o mesmo” (G39, p.157)</p> <p>“... isto é uma autêntica escola (...) eles conhecem-se todos uns aos outros, o do Porto conhece o de Faro, o de Faro conhece o de Coimbra, o de Coimbra conhece o de Lisboa... começam para ali a fazer amizades e, passado um</p>
--	--	---

		<p>bocado, são todos amigos (...) não posso fazer ideias generalizadas porque nem todos são iguais. (...) há uma pequena percentagem que talvez, dentro do estabelecimento, queira reportar o que são lá fora: violentos, líderes (...) agora, e eu penso que isto é bom para a classe prisional, muitos dos reclusos encaram o estabelecimento prisional mesmo como uma cadeia, e então, muito do que eram lá fora, cá dentro quebram” (G40, p.163 e 164)</p>
	<p>Concepções sobre o impacto do tempo de reclusão</p>	<p>“A ideia deles é irem lá para fora fazerem o mesmo. A ideia que eu tenho deles, pelas conversas que oiço deles, não vejo grande motivação em saírem daqui e arranjam um trabalho” (G1, p.2).</p> <p>“Tem um pouco. Quando eles estão inseridos e vão por um caminho melhor, as oportunidades começam a chegar. Eles chegam à conclusão que andaram errados...” (G2, p.7).</p> <p>“Para alguns se calhar até influencia (...) um recluso que entrou aqui por um crime de homicídio, se ele tiver uma determinada faixa etária... nós temos cá os da “brigada agrícola” com uma faixa etária mais velha... (...) E eles estão inseridos no estabelecimento, desempenham as suas funções e nenhum deles nos dá problemas. E depois comparado com os miúdos que temos cá, eles próprios criam problemas, são completamente díspares. Eles fazem aqui o mesmo que faziam na rua. Maltratam-se uns aos outros, roubam-se uns aos outros (...) Tiveram num contexto diferente, nunca tiveram valores de referência. Fazerem cá dentro o mesmo que</p>

		<p>fazem lá fora, epá... Eles vêem isto como uma prisão, não como um castigo (...)" (G3, p.12).</p> <p>"Alguns sim, mas muitos voltam" (G4, p.16).</p> <p>"Vai ser difícil para alguns encaminharem por bons caminhos. Mesmo o ambiente familiar lá fora se não ajudar, eles não vão encarrear" (G5, p.19)</p> <p>"Não, eu acho que até é negativo (...) Eles começam a ficar mais saturados, o psicológico deles começa a ficar mais frágil, começam a explodir por tudo e por nada. E nota-se quando não há as precárias, as condicionais, eles tentam fazer porcaria, chamar a atenção. Por isso o tempo de reclusão, às vezes... Quando se tem precárias e isso tudo, eles até melhoram para ver se saem mais rápido, mas quando lhes são negadas, isto afecta-os psicologicamente" (G6, p.24)</p> <p>"Nem sempre. Uma percentagem mínima reflecte, e são capazes de irem para a vida lá fora" (G7, p.27)</p> <p>"Para alguns tem, não digo a maior parte mas para alguns tem impacto" (G8, p.30)</p> <p>"Depende da pessoa e do recluso em questão. Às vezes, em alguns, tem influência. Há pessoas, há reclusos aí que sentem mesmo o decorrer dos anos e acalmam. Há outros que pelo contrário, ficam um bocadinho mais... Agitados, incoerentes, depende... (G9, p.32)</p>
--	--	--

		<p>“Não. Só os piora, ao nível de conhecimento do mundo do crime” (G10, p.35)</p> <p>“Penso que como isto está organizado, muito pouco. Nem dois por cento consegue sair daqui com outra mentalidade. Pelo contrário” (G11, p.38)</p> <p>“Eu acho que tem, mas negativo. Eles já vêm revoltados, já vêm de uma situação complicada lá fora, não é? Chegam aqui, apanham os gangs deles, os grupos deles e conseguem ter força. Como não há oposição em termos de chefia, de direcção, actualmente, sentem que podem fazer o que querem. Sabem que a punição nunca passa para além daquilo, nunca são punidos em termos judiciais... é muito complicado” (G12, p.41)</p> <p>“Nada! O tempo de reclusão deles, só serve para livrar a sociedade de crimes nesse tempo em que eles estão aqui presos” (G13, p.46)</p> <p>“... vejo que tenho lidado com indivíduos que parecem ser bons rapazinhos, uns reclusos educados, responsáveis e passado meia dúzia de meses, um ano já está pior do que aquilo que era. Deixa-se influenciar, e parte dessa influência é o medo que tem o branco do preto, o preto dos escuros... ou eles se associam ou a vida deles vai ser um inferno. E então esses indivíduos, esses fracos, que são uns fracos, como andam cheios de medo e não se podem dominar a eles próprios, têm que se juntar ao grupo dos fortes. E é quando começam esses pintarolas a dominá-los (...) Agora também há muitas raças também, é</p>
--	--	---

		<p>nigerianos, é moçambicanos, são moldavos, são muitas raças... e esses nunca se dão bem uns com os outros, há muitos conflitos nas prisões por causa disso (G14, p.51).</p> <p>“Não sei, é provável. É provável, isto sofre sempre alterações, tanto da parte deles como da nossa” (G15, p.56)</p> <p>“Às vezes há situações em que não tiveram oportunidades e cometeram um crime, pronto, tudo bem... somos humanos. Temos que dar aqui a parte positiva para ver se eles... Mas na maioria das vezes é tempo perdido” (G16, p.63)</p> <p>“Nem sempre. Tenho impressão que 70% dos indivíduos que saem daqui, mais tarde, voltam aqui” (G17, p.67)</p> <p>“Poderá ter nalguns casos. Poderá haver algumas excepções, em que alguns deles tenham isso, mas na maioria não acredito muito” (G18, p.71)</p> <p>“Pelo menos, de paragem e reflexão, sem dúvida. Parte deles consideram que isto custa e ajuda-os a parar e reflectir. Se eu disser que não é suficiente para a mudança mas... alguns...” (G19, p.73)</p> <p>“... vê-se uma mudança a partir dos vinte e um anos. Ao nível da maturidade, eles mudam um pouco a maneira de ser e a maneira de estar em meio prisional. É pena é que não se consiga dar uma continuidade no futuro lá fora, porque facilmente regridem. Se tivessem um acompanhamento, digamos, alguém que lhes impusesse e mostrasse o outro lado da vida, parte</p>
--	--	---

		<p>deles podiam mudar” (G19, p.73)</p> <p>“Modifica-os, porque há muitos que saem daqui a pensarem que na realidade serviu estar preso, outros não, saem mais agressivos” (G20, p.77)</p> <p>“Eu penso que não. Para já porque não os conseguem separar a nível de crimes e isso... Pronto, há alguns que vêm para cá a até são crimes ligeiros que não têm qualquer significado e saem daqui piores (...) E revoltados, quer da relação com os guardas, que muitas vezes não lhes resolvem os problemas, quer os reclusos entre eles (...) Nós até podemos ser uma pessoa atinada, e que queiramos cumprir as regras e não sei quê, só que este meio é um bocado de sobrevivência. Muitas vezes não se consegue cumprir as regras porque os outros não deixam e não é possível” (G21, p.82)</p> <p>“Nos meus anos de experiência, acho que nos novos, mais jovens, influencia negativamente a cadeia. Na minha maneira de ver falta muito a ocupação profissional, falta muito obrigar o recluso a cumprir determinadas regras, determinadas normas. Penso que, hoje, o recluso só tem direitos, “tem direito a...”, e não passa daquilo” (G22, p.88)</p> <p>“Eu julgo que não (...) A medida privativa da liberdade indica que o indivíduo só faz o que está autorizado a fazer. E aqui não, é um faz de conta. As pessoas hoje querem é que os reclusos não dêem chatice, não se trata de os fazer cumprir, eles querem é que não haja conflito. Não havendo conflito está tudo bem para os nossos gestores.</p>
--	--	---

		<p>Coisa que está errada, porque a cadeia foi feita para cumprir a medida privativa de liberdade, ou seja, eu sei que vou estar preso, e sei que vou estar restringido de certos princípios. Quais são os princípios que eles tiram apenas? São a família. Só lhe tiram a família porque o resto tem tudo” (G23, p.95)</p> <p>“Acho que não. Eles acabam por estar aqui cinco anos, vão meia dúzia de dias e voltam outra vez” (G24, p.99)</p> <p>“Não digo que cem por cento saiam melhores, mas alguns saem. A grande maioria volta” (G25, p.103)</p> <p>“Cada caso é um caso. Há indivíduos que estão aqui presos que, se calhar, até ficam de alguma forma, traumatizados pela passagem por esta experiência. Há outros que estão aqui presos e têm muito orgulho nisso, são uns senhores, tiveram presos x tempo e tal, são maus e não sei quê. Aprendem, aprendem sem dúvida as vicissitudes deste meio. Também podem aprender alguma coisa boa, que é para esse trabalho que nós estamos cá” (G26, p.107)</p> <p>“Por vezes não. Há uma revolta, não é? Mas é assim, isto tem muito haver com o sistema de cada pavilhão, de cada chefia. Eu tenho uma maneira de ver as coisas desta forma, se houver muita pressão em relação aos reclusos, se calhar, eles vão sentir isso e portam-se cada vez mais mal (...) Portanto o tempo de reclusão de uma forma positiva... por um lado pode ser, por outro, pode ser muito complicado” (G27, p.112)</p>
--	--	---

		<p>“É claro que é lógico que é positiva, se for bem orientada. Penso que, dentro daquilo que é razoável, nós fazemos por isso. Já sabemos que há falta de condições a todos os níveis... materiais, em termos de estrutura, em termos de pessoas” (G29, p.119)</p> <p>“Sim, se eles aproveitarem os cursos de formação... Mas, por exemplo, no caso de tanoaria, um recluso de Lisboa vai tirar um curso de tanoaria para fazer o quê? Mas no caso de informática” (G30, p.124)</p> <p>“Eu penso que sim... fica marcado na vida da pessoa, não? Fica sempre marcado na vida da pessoa. Mas chegando lá fora é fácil, os amigos” (G31, p.126)</p> <p>“Positiva não sei... O sistema que a gente tem está mal apropriado para os tempos que a gente tem. Devia haver divisão de presos, de penas... há um bocado uma mistura de tudo. Se houvesse separação os presos sabiam logo, conforme o crime tinham que cumprir aquelas regras... assim é um bocado... tudo englobado no mesmo saco é um bocado difícil” (G32, p.128).</p> <p>“Acho que não... Quer dizer pelo menos 10% pode, agora o resto” (G33, p.111)</p> <p>“... nem de forma positiva, nem negativa. O recluso está de uma maneira hoje em dia que, estar preso dois anos ou cinco anos, para eles é igual (...) há um ou outro que ganha mais um bocadinho de cabeça e tal, mas olhando para eles e a maneira como eles falam, acho que não</p>
--	--	---

		<p>(...) se no tempo em que estão presos trabalhassem ou fossem obrigados a trabalhar, penso que era capaz de ser melhor (G34, p.155)</p> <p>“Alguns melhoram, mas há outros que têm mesmo mau comportamento” (G35, p.137)</p> <p>“Não” (G36, p.140)</p> <p>“De forma positiva penso que não. Acabo por pensar que eles aprendem mais aqui, dentro da cadeia do que... na forma como nós temos o nosso sistema prisional. Isto aqui, às vezes eu abro isto de manhã... por exemplo, neste pavilhão, são do mesmo bairro, ou estão ligados ao mesmo processo, isto faz-me lembrar aqueles condomínios fechados <i>“eu sai-o do apartamento e tal e vamos para ali conversar para a praceta”</i> (G37, p.144)</p> <p>“Não, acho que até é de forma negativa, ficam piores” (G38, p.149)</p> <p>“Não. Há exceções, mas muito baixas, se calhar 1%. A instituição não ajuda, não é? Embora que por muitos modelos, ou por muitas teorias que fossem aplicados aqui também acredito que o sucesso seria baixíssimo. Porque a matéria-prima também não... falando um pouco em termos genéricos, os reclusos em si não dariam para ser melhor” (G39, p.158)</p> <p>“Tem, enquanto estão excluídos da liberdade” (G.40, p.165)</p>
--	--	--

	<p>Concepções sobre a reabilitação social</p>	<p>“Acreditar, acredito, é preciso é que haja vontade da parte deles. E também com ajudas porque o indivíduo que esteja aqui preso, também vai lá para fora e não é fácil. Há sempre a rejeição de pessoas que sabem que o indivíduo esteve preso. A minha opinião, é que estes aqui deste estabelecimento... A ideia deles é irem lá para fora fazerem o mesmo. A ideia que eu tenho deles, pelas conversas que oiço deles, não vejo grande motivação em saírem daqui e arranjam um trabalho...” (G.1, p. 2).</p> <p>“Não porque vêm de famílias com problemas... pais alcoólicos, mães divorciadas, com filhos já de três pais... os irmãos é uma misturada de pais, já não são todos dos mesmos pais e isso depois cria também essa vertente” (G2, p.7).</p> <p>“Se calhar se for perguntar a um técnico ele vai-lhe responder que, em cem, salva dez, ou cinquenta, do ponto de vista dele. Se calhar do meu ponto de vista... não é querer ser pessimista, mas a minha taxa de reinserção acho que é mais baixa (...) tenho muitos que me disseram “<i>não sei até quando!</i>” (...) Mas eu percebi porque é que ele me disse aquilo, ele não tinha apoio familiar lá fora. Está preconizado pelo sistema que temos que reinserir, é um bocadinho utópico (...) Acreditar, acredito mas acredito é que a taxa de sucesso seja muito diminuta (...) Pode haver um clique na vida, e há alguns casos em que isso acontece, mas não é com todos (...) Contudo, em termos de comparação é diminuta (...) nesta altura da vida penso assim, daqui a vinte anos pensarei igual? Se calhar não. Se calhar com</p>
--	---	--

		<p>uma margem de manobra mais pequena” (G3, p.11 e 12).</p> <p>“Não há muita, uns 50%. Muitos dos que aqui estão voltam à vida do crime” (G4, p.16).</p> <p>“É muito difícil porque, depois, não há apoio lá fora. No exterior não há apoio” (G5, p.19)</p> <p>“Não, sinceramente não. Há certos crimes que acredito que eles não vão cometer mais, por exemplo, um homicídio, aconteceu, agiu por impulso, num momento, isso acredito que não regressem. Mas aqueles traficantes, por exemplo, tráfico de estupefacientes, assaltos... Muitos já foram criados nisto. E depois é assim, uma pessoa que ganha dez mil euros ou vinte mil euros num mês, não se vão sujeitar a ganhar quinhentos ou seiscentos euros por mês. Se o próprio estado os discrimina, os particulares ainda mais, porque se tem cadastro (...) Pessoas que desde os dez anos sempre tiveram esta vida, eles não vão viver com quinhentos euros, eu não acredito. Não foram estruturados, são de famílias carenciadas a todos os níveis, de afecto, monetário, nunca tiveram nada, logo acho que a reabilitação não é muito possível, embora haja quem acredite nisso” (G6, pp.24 e 25)</p> <p>“Não sei se cá dentro se resolveria. Eu acho que é o apoio lá fora. Para já uma parte fundamental que eles não têm, é trabalho lá fora (...) O trabalho é mais lá fora, a sociedade, a família... (...) Eu acho que sim, mas uma minoria. Uma minoria, aqueles que conseguem (G7, p.27).</p>
--	--	--

		<p>“Para a grande maioria não” (G8, p.30)</p> <p>“Uma pequena parte. Para falar mesmo, uma pequeníssima. Aqui o apoio também não é muito bom, e lá fora quando se tem cadastro, a coisa fica muito pior” (G9, p.33)</p> <p>“Não. Eles aqui a dialogarem uns com os outros... os feitos do crime perante a realidade, para eles são feitos heróicos, gabam-se do que fizeram, estás a perceber?” (G10, p.35)</p> <p>“Imagine, em cem podem haver três ou quatro” (G12, p.41)</p> <p>“Eles vão lá para fora e, salvo raras exceções, ainda... a não ser aquele criminoso por acidente... (...) Agora todos esses indivíduos que estão presos aí por tráfico de droga, nunca fizeram nada, nunca tiveram uma família, nunca estiveram inseridos na sociedade, não vão lá (...) Vão, saem, voltam, saem, voltam, saem... e entretanto vão em liberdade e continuam como toxicodependentes. Nada! (...) Desde que as pessoas se comportem, aqui dentro, pelas linhas definidas pela instituição, são tratados da mesma maneira (...) eles não perdem nada. Já é difícil arranjar quem quer trabalhar e que não esteve preso, se calhar quando este indivíduo sai da prisão já não é a primeira vez, já levam um rasto, vai pedir emprego a onde? (...) Já com o rótulo de criminoso e sem saberem fazer nada, quem é que lhes vai dar trabalho?” (G13, pp.46 e 47)</p> <p>“Não, não acredito na reabilitação desses indivíduos. Esses não acredito, não tenho fé</p>
--	--	---

		<p>nenhuma porque eles não mostram e não dão mostram cá dentro de que vão ser reabilitados. Como disse, pode haver 40% que se reabilitem mas a maioria não. Se não for novamente preso passado um mês ou dois, um ano ou dois, a vida dele vai continuar na mesma” (G14, p.51)</p> <p>“Não acredito muito nisso, até porque da experiência que tenho de guarda, muitos são reincidentes e voltam a cair outra vez na mesma. Há presos, inclusive, que a gente vê duas e três vezes, que saem lá para fora e não tem qualquer apoio. O meio para onde vão é o mesmo, está a ver? Os amigos para onde vão são exactamente os mesmos... Há, aqui, rapazes bons que a gente vê que têm conhecimento das coisas e até compreendem. Só que depois, falta-lhes e força de vontade, são muito jovens... lá fora é fácil irem por maus caminhos. Por isso é que eu acredito que são muito poucos. E é uma realidade, é uma minoria os que saem e que conseguem fazer alguma coisa de bem na vida, ou arranjam um trabalho, pronto... conseguem integrar-se na sociedade da melhor maneira” (G15, p.56)</p> <p>“Alguma, em certas situações. Muitos deles não têm acompanhamento e a cadeia é quase como que um curso. Vêm para cá sem habilitações e, quando cá passam adquirem habilitações para funcionarem lá fora. E aí progredem (...) Se houver um acompanhamento aqui dentro... e eles vejam que não podem ir por esse lado e nós batalhamos aqui. E quinze por cento até são capazes de irem lá para fora e enveredarem noutra situação. Com outros, somos capazes de</p>
--	--	--

		<p>ter assim uma conversa na boa, e depois de cinco minutos já não ficou lá nada. Acaba por não dar nada. E depois há sempre os outros glutões que os conseguem apanhar, os <i>dealers</i>” (G16, p.64)</p> <p>“Não acredito que haja... Quer-se dizer, a 100% não acredito. Isto também tem haver com o próprio apoio familiar lá fora. Indivíduos que se fossem, possivelmente, para outra zona do local onde eles habitam, talvez conseguissem uma reintegração na sociedade” (G17, p.67)</p> <p>“Não. Acho que o sistema não é... acho que devia ser alterado, devia ser tudo alterado isto, devia-se pensar de outra forma” (G18, p.70)</p> <p>“Tenta-se pelo menos... (...) a intervenção que é feita em meio prisional não é suficiente, mas também porque eles não dão oportunidade para isso. Não há grande vontade de mudança por parte deles. Fazem por estar cá, adaptam-se às circunstâncias, mas não... o eu deles não é muito modificado, por projecção à mudança. O contexto também... Se é feito aqui algum trabalho, depois lá fora, o meio envolvente... Facilmente cai por terra aquilo que é aqui posto em prática, e aquilo que lhes é mostrado aqui... facilmente eles esquecem. Porque a unidade e os valores deles são diferentes dos da sociedade em si” (G19, p.73)</p> <p>“Não. Porque eles também não querem, e o estado também não consegue fazer isso (...) Há um trabalho não, há uma espécie, uma maneira de... Acho que esse trabalho não está a ser</p>
--	--	--

		<p>realizado pelos educadores” (G20, p.77)</p> <p>“Não sei. Não sei, se calhar um em mil, talvez. De uma maneira geral, porque nem há técnicos a fazer essa reabilitação, a ajudá-los. Muitos de nós sabemos que saem e continuam a não ter nada, nem uma profissão, nem apoio do exterior (...) Nós sabemos que vão sair e vão continuar no crime porque não têm meios para sobreviver. Acho que muitos organismos falham. Eu penso que não há este apoio nem aqui dentro, nem lá fora” (G21, p.83)</p> <p>“Na maioria dos casos não” (G22, p.89)</p> <p>“A reinserção social dos reclusos, no meu ponto de vista, está errada (...) o instituto de reinserção social não funciona quando o recluso está para sair. Porque dá-se apoio social no primeiro mês e, não sei quê e tudo mais, mas não se vai procurar saber se o homem tem um emprego... Acho que isto devia funcionar nuns moldes diferentes (...) No último ano de vida na cadeia, devia-se preparar o homem para a liberdade, ou seja, mete-lo numa actividade laboral, ou na zona onde ele, possivelmente iria trabalhar, especializa-lo, e criar ali um emprego onde ele fosse acompanhado durante esse ano (...) Não tem mentalidade para se aguentar. (...) Lá fora não há apoio. O recluso sai daqui, não tem emprego, lá fora a vida está difícil, o que é que ele vai fazer? (...) O que é que a pena de cadeia dizia? A pena de cadeia é uma medida privativa de liberdade, onde o sujeito deve ser acompanhado o mais possível, para se devolver à sociedade com êxito. E eu não vejo isso”</p>
--	--	--

		<p>(G23, p. 95).</p> <p>“Não (...) não há uma ocupação (...) Ele se vai para uma escola ou um curso, vai para lá porque tem precárias, não é por gosta, não é? Ele vai para lá porque sente que dali pode vir uma oportunidade. É um oportunismo...” (G24, p.99)</p> <p>“Não, sinceramente não. Não digo que cem por cento vão dão todos em grandes criminosos, mas...” (G25, p.103)</p> <p>“Em alguns casos há, mas a maioria aponta para a reincidência. E isso não temos dúvida nenhuma porque ela acontece mesmo (...) Mas o facto é que, infelizmente para todos, uma grande número destes indivíduos faz disto carreira” (G26, p.107)</p> <p>“Eu acho que o recluso tem que ser muito trabalhado dentro dos serviços prisionais porque senão for bem trabalhado com educadores, psicólogo, com a reinserção social... Por vezes, o sistema de cada cadeia não dá para fazer uma boa reabilitação do homem (...) quem é que está 24h com o preso? É o guarda. E o guarda tem que receber formação para tentar também, de alguma forma, ajudar esse sistema (...) somos nós que abrimos a porta, que damos o bom dia, o bom noite, nós somos pais, somos mães para eles... (...) se uma pessoa começa a perder a cabecinha é muito complicado, tanto para nós como para eles... Isto é tudo tratado à lei da bala, como se costuma dizer. A arrogância, tanto da nossa parte como da parte deles,</p>
--	--	---

	<p>participações, complicações, ficar fechado (...) Eu penso que sim, se bem que há situações aí muito complicadas porque isto já vem de família, já têm aquilo no sangue. Mas por vezes, nós é que estamos a educá-los. De qualquer das formas, penso que há sempre uma, ou duas, ou três oportunidades a dar a essa pessoa, mas nunca descurando o serviço que estamos a fazer” (G27, p.112)</p> <p>“Acho que acima de tudo, não há nenhum que se vai reinserir. Em cem, noventa e nove não se reinserir, de certeza (...) se fosse mais duro, se eles trabalhassem, agora assim, não. Ao longo destes anos são, quase sempre, os mesmos reclusos. Entram, saem. Penso que o mal também não é deles, mas sim a nível de educação. Muitos deles são filhos de pais separados, e vivem em bairros problemáticos... a educação no berço, a qual não tiveram... É os antecedentes” (G28, p.116)</p> <p>“... penso que sim. Agora, no meio disto há de tudo, há quem tenha capacidades de reabilitação, mesmo com auxílio ou sem auxílio, a pessoa pode ter capacidades ou não. Se for uma pessoa que não tenha incentivos e, mesmo ela, não tenha interesse, ou seja, ainda não atingiu a maturidade... isto são reclusos novos, que não sabem o que andam a fazer ainda... esses é mais difícil. Mas, mesmo assim, nós estamos cá para isso” (G29, p.119)</p> <p>“Um recluso que está preso por furto, chega lá fora e não aplica essas actividades que aprendem aqui” (G30, p.124)</p>
--	--

		<p>“É complicado responder a isso... da nossa parte, dos guardas, a gente faz o que pode... o pior é depois lá fora” (G31, p.126)</p> <p>“Não, o sistema e o país não está apropriado a isso. A sociedade em si, os governantes, o país que a gente tem... Acho que não... Epá não está apropriado” (G32, p.2)</p> <p>“Não... se aproveitarem 10%... Tem haver já com a própria pessoa, não é? E depois lá fora, e também com a maneira como o país está sem emprego... Eles também têm pouca vontade de trabalhar, não é? E depois lá fora a vida também não está fácil” (G33, p.131)</p> <p>“10%, não sei... 10% se fosse, acho que nem chega aí” (G34, p.135)</p> <p>“Nem todos, de cem talvez dois ou três para não dizer que é só um (G35, p.137)</p> <p>“Os nossos estabelecimentos não estão preparados para isso para a integração dos reclusos na sociedade (...) Não (...) O sistema tinha que funcionar, tinha que começar lá de cima, até cá a baixo. E não estou a falar só no corpo de vigilância, falo também de educadores, assistentes, psicólogos... isso não funciona. Mas uma coisa também é certa, também não se compreende que um educador tenha a seu cargo setenta, oitenta reclusos, claro que ele também não pode saber, estar à parte dos problemas todos de cada um deles” (G36, pp.139 e 141)</p> <p>“... são poucos os casos que se conhecem de</p>
--	--	---

		<p>reinserção. É um bocado complicado porque para já eles juntam pequenos delinquentes com alta delinquência e (...) chamo isto o ensino secundário aqui, enquanto chamo a um Vale Judeus, a um Coimbra, pronto, cadeias grandes a universidade do crime. Não é que aqui não tenhamos esse tipo de gente, temos aqui rapazes com tantos anos de idade, como anos a cumprir de cadeia (...) Não, não. É como disse há pouco, poucas são as pessoas que saem daqui reabilitadas. Não me acredito. Só de facto aqueles que caíram aqui por um azar e depois que tenham, o que também é muito importante, um apoio familiar lá fora (...) Se não houver apoio familiar... das instituições, pronto, não me parece que consigam ter capacidade para isso, da família sim” (G37, p.144, 145 e 167)</p> <p>“Muitos regressam... agora se são integrados na sociedade depois de saírem, desconheço” (G38, p.149)</p> <p>“Não acredito porque eles não são preparados para isso. Nós aqui tentamos dar cursos e essas coisas todas mas eles não têm proveito nenhum disso” (G.40, p.165)</p>
<p>Reconhecimento/ Tolerância Emocional</p>		<p>“Às vezes fico bloqueado, bloqueado, quer dizer, passado. Tenho aquelas explosões e às vezes acabo por não medir as consequências. Mais tarde, talvez, reconheça que não devia ter agido assim, devia ter agido de outra maneira. Mas na altura... (...) mais depois de ter vindo para os serviços, pronto... Há mais agitação, stress...” (G1, p.3).</p>

		<p>“Consigo. Para me chatear tenho que ter um motivo, tenho que identificar e saber porque é que estou chateado. Eu não fico chateado por nada, tenho que ter um motivo” (G2, p.6).</p> <p>“Perceber se estou mal disposto ou chateado, percebo (...) Algumas vezes penso que consigo, mas nem todas. A pessoa pode nem estar chateado, e pode ser fruto de uma manhã menos boa, uma tarde menos boa, sobrecarregada com excesso de trabalho. E eu estou menos bem, porque estou cansado, não quer dizer que esteja chateado (...)” (G3, p. 11).</p> <p>“Consigo. Expludo naquele momento mas depois penso e tenho calma” (G.4, p.16).</p> <p>“Sim. Eu por norma sei que sou um bocado assim, descontrolo-me, e tento evitar isso. Então tento evitar, tento não me implicar muito directamente, tento afastar-me um bocado mas, quando me meto, descontrolo-me” (G5, p.19)</p> <p>“Depende das situações (...) Pode haver uma discussão em que eu já conheço aquela pessoa e é melhor desligar antes que a conversa ultrapasse os limites, e sai-a discussão. Mas há aquelas discussões que acontecem num impulso que se calhar, às vezes, não penso muito antes de agir. Reajo impulsivamente como qualquer pessoa (...) A pessoa começa a conhecer os colegas e, às vezes, já não ajo tanto por impulso. Penso um bocadinho antes de falar que é melhor” (G6, p.23)</p> <p>“Sim, eu de certa maneira sou uma pessoa relativamente calma. Mas há certas situações, em</p>
--	--	---

		<p>que uma pessoa reage mais rapidamente, mas sou relativamente calmo” (G7, p.27)</p> <p>“Sim, sim, consigo fazer sempre essa distinção” (G8, p.29)</p> <p>“Não, nem dou conta. Agora já nem me quero chatear com nada” (G10, p.35)</p> <p>“Se calhar expludo mais do que explodia antigamente (...) O cansaço. Já mais sem paciência, depois de 20 anos começa a acumular. Às vezes tem que se respirar um bocado para a coisa voltar ao normal.” (G11, p.38)</p> <p>“Isso é uma situação um bocado difícil de perceber, só na altura. Naquela altura, ou somos, ou não somos; ou temos, ou não temos” (G12, p.42)</p> <p>“... tenho muita paciência até determinado ponto, a partir desse ponto já não tenho paciência. Expludo facilmente. Aliás, expludo mas sempre com a consciência daquilo que estou a fazer (...) Normalmente é dez minutos. É um hábito já” (G13, p.47)</p> <p>“Eu quando me chateio ou alguma coisa corre mal ou isso, sou um bocado explosivo. Mas a partir de um certo momento, depois tudo acalma, tudo passa e consigo dominar as minhas emoções. Sempre fui assim, mas agora ultimamente também é um bocadinho mais difícil ultrapassar certas barreiras que antigamente era mais fácil” (G14, p.50)</p>
--	--	---

		<p>“Eu sou muito racional. Exalto-me, tenho os meus momentos, tenho a minha maneira de estar e de pensar como qualquer um de nós. Já me exaltei muitas vezes, porque por vezes as condições levam a isso, mas felizmente a parte racional ainda se sobrepõem” (G15, p.55)</p> <p>“Muitas das vezes reajo, altero o tom de voz, fico comovido, magoado por dentro, mas depois com o passar do tempo tenho necessidade de... Mas depois aquilo passa com o tempo, passado uns minutos, uma hora...” (G16, p.60)</p> <p>“Não, eu expludo logo e só depois é que reflecto, mas depois vou consigo gerir, mais ou menos, a emoção” (G17, p.67)</p> <p>“Procuro ter a noção sempre que estou chateado, mas há momentos em que só reflecto depois. Mas normalmente procuro manter-me consciente do estado de espírito. Se eu disser que às vezes se explode, é normal” (G19, p.75)</p> <p>“Não, em relação a mim, eu penso que estou chateado mas que mesmo assim têm fazer aquilo que eu mando. Dou-lhes uma opção, ou vão a mal ou vão a bem. Mas sei que estou chateado, tenho consciência” (G20, p.78)</p> <p>“Ai expludo logo. Posso pensar que, realmente, vou ser cobrada por isso mas começo a ferver (...) Eu vou lá e depois de gritar tudo o que tenho a gritar, já passou, sou capaz até de vir, pedir desculpa” (G21, p.83)</p> <p>“Já fui um bocado mais descontrolado.</p>
--	--	--

		<p>Inicialmente, de facto, acontecia chatear-me e depois dei-me conta que não me levava a lado nenhum (...) E agora já não tanto, acho que penso um bocadinho, mas tenho que a manifestar. Costumo dizer que a mim não mo dizem, mas gosto que mo digam na cara, por vezes, até agradeço a correcção. Agora aquilo que é feito por detrás revolta-me um bocado e é isso que me faz explodir, especialmente, quando venho a saber (...) Menos impulsivo. É como tudo, a vida vai-nos trazendo novos conhecimentos, vamos amadurecendo e vamos acalmando, não é? (...) Mas a gente torna-se mais ponderada, pensa mais um bocado, e depois, age de acordo com a situação mais pormenorizadamente” (G22, pp.87 e 88)</p> <p>“Consigo, consigo perceber” (G24, p.99)</p> <p>“É assim, acho que com a idade a tolerância tem aumentado. Mas se calhar antes andava um bocadinho mais com o sangue na guelra. Uma pessoa acalma com a idade, se calhar, também porque está mais desmotivada, não? Porque uma pessoa que está mais desmotivada já nem dá tanta importância às coisas. Já não ligo, deixo andar...” (G25, p.101)</p> <p>“Sim” (G26, p.107)</p> <p>“Eu é raro enervar-me. Sou muito calmo” (G28, p.116)</p> <p>“Eu quando me zango, zango-me porque alguma coisa aconteceu de negativo, de mau e... se sou entendido, ou se as pessoas me entendem, tudo</p>
--	--	---

		<p>bem, eu não me zango. Eu não me zango sem mais nem menos, zango-me quando alguma coisa está mal. Se a pessoa entender, não me chego a zangar, fala-se, conversa-se e vê-se o que é que está mal e resolve-se. (...) Eu sou muito intolerante, não guardo aquilo que tenho a dizer, sou frontal, sou directo... as pessoas conhecem-me, ao princípio pensam que eu sou mau, (...) Funciono assim, mas é claro que sou uma pessoa muito nervosa, e tento lidar com isto. Tento, dentro do possível, controlar as situações, porque sei, tenho a noção que sou uma pessoa bastante nervosa (...) Quando me contrariam, não consigo. Eu tenho que ser claro, tenho que ter a certeza que a pessoa entendeu aquilo que aconteceu e aquilo que se fez” (G29, pp.120 e 121)</p> <p>“Não, porque eu quando fico chateado amuo. É a minha forma de lidar com a situação” (G30, p.123)</p> <p>“Sinto e consigo controlar isso” (G32, p.128)</p> <p>“... depende do estado de espírito com que nós estejamos, não é? Mas, normalmente, consigo controlar, só se realmente não for possível. De resto, se for possível, prefiro e tento que as coisas corram como deve ser” (G33, p.131)</p> <p>“... <i>“só encho o saco”</i> só a atar mesmo, não cabe lá mais nada. Às vezes até eu próprio sofro com isso vá, fica aquela coisinha cá dentro, o bichinho, acho que até devia explodir mais facilmente” (G34, p.134)</p> <p>“Às vezes sim, outras vezes, expludo. Depois</p>
--	--	---

		<p>passa tudo” (G35, p.138)</p> <p>“Consigo, perfeitamente. Uma pessoa quanto mais anos de serviço, mais tolerante fica” (G36, p.140)</p> <p>“Sim, as emoções podem ser boas, más... uma emoção nunca é igual à de ontem, depende da circunstância na altura... do dia, se correu bem se correu mal... se uma situação correu mal pode alterar o sistema nervoso mas consigo sempre gerir” (G38, p.149)</p> <p>“Sim, sim, perfeitamente” (G39, p.157)</p> <p>“Consigo, consigo. Quando, por exemplo, estão a falar para mim, num género de gozo ou a tentar-me atacar, eu sinto-me atacado, não é? (...) é aí que eu tenho que dizer aquilo que penso. Umás vezes digo logo. Às vezes, quando eu digo logo, fico chateado comigo próprio porque digo, muitas vezes, não era aquilo que eu queria dizer” (G40, p.163)</p>
Tempo Extra-trabalho	Lazer	<p>“Já tenho menos paciência. Eu gosto de fazer bricolage e já quero fazer as coisas muito de repente. E acabo por fazer um pouco de asneira (...) Mais confuso talvez (...) Não tenho tantas ideias para as coisas” (G1, p.3).</p> <p>“Não, não consigo fazer aquilo que eu pretendia. Não tenho dinheiro, não posso viver com aquilo que não tenho” (G2, p.7).</p> <p>“Não consigo” (G3, p.13)</p>

		<p>“Ultimamente já não, sinto-me muito cansado quando faço noite. E quando chego a casa durante o dia, sento-me no sofá e pimba. É muito cansativo” (G4, p.15).</p> <p>“Eu tenho as minhas actividades lá em casa. Vou fazendo tudo o que é reparações e serviços em casa, eu faço-os todos” (G5, p.20).</p> <p>“Uma pessoa fica quase sem tempo para nós. Também devido a isto tudo, por isso é que também uma pessoa não anda tão bem psicologicamente, às vezes...” (G6, p.21)</p> <p>“Sim, sim...” (G7, p.28)</p> <p>“Sim, sim. Consigo conciliar com outras coisas” (G8, p.30)</p> <p>“Por vezes, sim consigo. Umhas vezes piores outras melhor” (G9, p.31)</p> <p>“Não, não tenho tempo. A carga horária é demasiada” (G10, p.35)</p> <p>“Sim, tenho para me distrair um bocado” (G11, p.37)</p> <p>“Sim, dentro do possível. Para a nossa própria saúde temos que ter isso, para aliviar e para descarregar” (G.12, p.42).</p> <p>“Há, muitas. Monto a cavalo aos fins-de-semana quando vou à terra, trato dos meus bichinhos... Tenho o meu barquito que está acolá à venda, que faço pesca desportiva com ele, portanto,</p>
--	--	---

		<p>estou sempre bem-disposto” (G13, p.44)</p> <p>“Já tive mas agora a idade também já não me permite. Já não me permite ter outras tarefas para além do meu serviço. O serviço já me desgasta, já é bastante horário, já é bastante sobrecarregado” (G14, p.51)</p> <p>“Sim, considero. Aliás, eu nas minhas folgas tento andar sempre ocupado com alguma coisa. Faço desporto porque sou atleta federado de atletismo, então faço bastante desporto” (G15, p.57).</p> <p>“Às vezes há coisas que se gostam de fazer e que têm que ficar para trás por não dá mesmo. O serviço em si, às vezes, exige um bocado mais” (G16, p.64)</p> <p>“Sim, tenho, vou conseguindo arranjar um tempo para fazer alguma actividade” (G17, p.68)</p> <p>“Às vezes tenho, tenho sempre tempo. Tenho colegas que têm outras ocupações, eu não tenho. Às vezes nem sempre tenho é disposição, outras estou disponível para fazer mais qualquer coisa para além do trabalho e faço. Outras não tenho tanta vontade, passo os meus dias de folga a descansar” (G18, p.71)</p> <p>“Eu tenho” (G19, p.74)</p> <p>“Muito dificilmente” (G20, p.78)</p> <p>“Ultimamente não. Tenho um pequenito e é</p>
--	--	---

		<p>impossível. É completamente impossível. Antes fazia ginásio, natação e essas coisas, agora, é impossível (...) O agregado familiar sou só eu e ele e então é muito complicado. O tempo que tenho é para estar com ele (...) É pouco tempo o tempo que tenho disponível, quando ele está na escola, mas tirando isso não consigo (G21, p. 84)</p> <p>“Não, a não ser nos feriados e nos fins-de-semana, de resto não temos (...) Porque quem é que consegue fazer alguma coisa depois de doze horas de trabalho. Tentar descansar um bocadinho, jantar... tentar descansar um bocadinho, ver um bocadinho de televisão, as notícias, e de resto...” (G22, p.90)</p> <p>“Olha é assim, há uma coisa que me fascina que é a caça e são os cães. É a única coisa que me faz aliviar um bocadinho o stress” (G23, p.94)</p> <p>“Tenho. Nas folgas” (G24, p.100)</p> <p>“Não, não tenho tempo para nada disso” (G25, p.104)</p> <p>“Faço” (G26, p.108)</p> <p>“Tenho, tenho. Faço desporto, vou ao cinema, estou agora a estudar, estou no segundo ano de Direito, gosto daquilo só que também é muito complicado. (...) é um bocado complicado gerir isto tudo. Mas com o serviço que nós temos... só gostaria de uma coisa, se calhar, se eu vivesse mais perto se calhar conseguia conciliar isto tudo e ia mais descansado para casa.</p>
--	--	--

		<p>Fazendo dias e noites não é fácil, então a morar a 90km” (G27, p.113)</p> <p>“Eu tenho” (G28, p.116)</p> <p>“Extra trabalho é descansar e é sair. Gosto de estar numa explanada. Tenho que sair, eu preciso disso” (G29, p.121)</p> <p>“Sim, correr, às vezes, um bocadito, quando não está frio” (G30, p.124)</p> <p>“ Mais ou menos... ginásio...” (G31, p.126)</p> <p>“Tenho. Poucas, mas tenho” (G32, p.138)</p> <p>“Tenho” (G33, p.132)</p> <p>“Tento arranjar e é bom” (G34, p.155)</p> <p>“Em casa tenho lá os campozitos para cultivar e vou fazendo isso, vou-me ocupando” (G35, p.158)</p> <p>“Sim, sim, sim. Isso tempo temos” (G36, p.162)</p> <p>“A questão do desporto, faço com regularidade, não talvez tanto estes últimos dois meses por situações excepcionais mas faço” (G37, p.168)</p> <p>“Muito poucas” (G38, p.138)</p> <p>“ Tenho, nomeadamente fazer desporto. O que me equilibra é fazer desporto (...) Eu andei a estudar, acabei há pouco tempo (...) Isso é que fez com que o meu desgaste aqui fosse muito</p>
--	--	--

		<p>menor. Em termos de cansaço tinha muito mais, mas depois estava integrado noutra mundo. (...) Estar neste mundo, as pessoas com que se convive, a pessoa fica estúpido, como se costuma dizer (G39, p.143)</p> <p>“Consigo, aliás eu sou presidente de um grupo de ciclo-turismo e BTT, vou-me metendo em alguns eventos” (G40, p.165)</p>
	<p>Rede Social de Amizades</p>	<p>“Não consigo. E a prova disso é que a maioria das pessoas com quem eu convivo, ontem foram andar de bicicleta e eu não posso ir, tenho que estar com a família. Eles vão andar de bicicleta, vão se divertir... Eu podia ir de vez em quando, mas se for, vou privar a família de estar comigo” (G3, p.13).</p>
	<p>Conflito Trabalho-Família</p>	<p>“Os fins-de-semana, passados com eles (...) Durante a semana estou pouco tempo com a família, mas ao fim de semana, dedico-o à família (...) Às vezes vou stressado daqui, devido a problemas que tenham surgido. Às vezes não me podem dizer nada que eu expludo, e não reconheço que são coisas que eu levei daqui, para lá... Muitas vezes não compreende (a família). Porque também da outra parte também têm os problemas deles, e entramos em choque, mas depois aquilo passa. Também temos que saber gerir isso” (G1, p.3).</p> <p>“Tenho, quando posso (...) não, não, não. O trabalho fica à portaria, e os problemas de casa, em casa” (G2, p.7).</p> <p>“Não. Mesmo que não estivesse a estudar, dir-</p>

		<p>lhe-ia que nunca é tempo suficiente (...) Se tivesse nos turnos, compensava estando em casa. Mas eu depois estou em casa, a família não está. O tempo é importante para as pessoas. Eu passo aqui 12h quase (...) Leva-se sempre. Ninguém é um <i>robot</i>, que consegue desligar a ficha (...) Com o tempo consegue-se gerir melhor essa questão, mas é impossível. Se alguém me disser, à minha frente, que consegue desligar a ficha não está a ser cem por cento correcto, nem com ele nem com os outros (...) A família não seria bombardeada com má disposição minha, por exemplo (...) E já falei sobre isto com eles. E se a esposa me disser “<i>olha que não pagamos pela tua má disposição</i>”, ok, tenho que saber receber aquilo. Agora eu gostava, poder chegar ali à portaria e desligar o botãozinho, descomprimir. Mas acho que é impossível” (G3, pp.13 e 14).</p> <p>“Sim (tempo para a família) (...) Às vezes, sem querer, levo (os problemas profissionais). Mas muitas das vezes, não (...) Às vezes compreende, outras vezes “<i>ah isso não é para aqui chamado</i>” (G4, p.15).</p> <p>“Tenho, tenho. Sim, não há problema nenhum (...) Não, nunca. Nem gosto de falar do serviço lá fora. Eu quando sai-o à porta, cortou” (G5, p.20).</p> <p>“Com este horário é muito mais complicado porque uma pessoa trabalha de segunda a sexta, depois também tenho duas filhas, é muito complicado (...) Quer dizer, há dias que sim, outros que não. Uma pessoa, às vezes, está tão saturada que falta um pouco de paciência (...) Eu não falo em casa de trabalho. Se calhar às vezes</p>
--	--	---

		<p>até penso, mas não muito. Tenho que deixar as coisas no portão, não posso estar a confundir as coisas (...) tento desligar (...) Tento fazer essa separação porque senão não dava. Agora ir para casa a pensar no trabalho, e vir para o trabalho pensar em problemas familiares, não” (G6, p.21 e 22)</p> <p>“Para dentro de casa não, nunca levo. Nunca levei e espero não levar (...) Sim, sim. O trabalho é aqui, lá fora é o lazer” (G7, p.28)</p> <p>“Sim, sim. Consegue-se sempre (...) Às vezes não é fácil, mas eu falo por mim, tenho sempre deixar os problemas aqui. Mas há sempre uma vez em que vamos mais alterados. Não é na generalidade, mas às vezes escapa-me” (G8, p.30)</p> <p>“Dá. Apesar disso dá (...) Eu até ver tenho consigo, não quer dizer que daqui para a frente consiga, mas até agora sim” (G9, p.31)</p> <p>“Também não há tempo nenhum para isso. Eu sai-o daqui vou para o biscate (...) Não, levo para casa. Ninguém me consegue aturar, falo alto sem dar conta para as pessoas... pronto.” (G10, p.35)</p> <p>“Tenho, nesse aspecto tenho. E tento não levar os problemas para casa (...) É raro falar disso em casa. Às vezes pode ser pior ou pode ser melhor... Mas nunca falo” (G11, p.37)</p> <p>“Também, também. É o mais importante acima de tudo, não é? (...) A minha esposa e a minha filha é que podem responder mas, aquilo que noto, é que levo. Principalmente, logo a seguir</p>
--	--	--

		<p>ao serviço, depois vai passando... mas logo a seguir nota-se (...) Falar alto, as respostas muito rápidas, atitudes explosivas... sai na hora, depois mais tarde arrependemo-nos, mas... já está, olha (...) É igual, logo a seguir ao serviço, a nossa maneira de ser altera completamente” (G12, p.42e 43)</p> <p>“Sim, sim (...) Quando entro, os problemas familiares não existem, quando sai-o daqui para fora os problemas de trabalho também” (G13, p.44)</p> <p>“Julgo que o tempo é o menos que temos para a família, havíamos de ter mais tempo para a família mas... normalmente o emprego consome-nos bastante tempo, temos pouco tempo com a família (...) Não. Os problemas do serviço é para ficarem cá no serviço e os de casa é para ficar em casa (...) Mas às vezes uma pessoa sente-se saturada, muitas vezes cansado daqui, há dias em que uma pessoa não vai bem-disposta, mas não posso descarregar na família... a família pagar pelos erros que são meus, de cá dentro, e não os vou levar para a família... mas às vezes acontece...” (G14, p.51 e 52)</p> <p>“Muito pouco. Se falar da minha mulher e das minhas filhas sim, agora o resto da minha família está toda longe (...) No princípio, às vezes, ainda íamos para casa e falávamos disso. No meu caso é complicado porque somos os dois guardas e há sempre coisas de que se falam (...) às vezes há coisas que vêm sempre à conversa porque fazem parte do nosso dia-a-dia (...) Mas tento não</p>
--	--	--

		<p>pensar muito no trabalho e tento abstrair-me porque estou com a família e quero pensar noutras coisas” (G15, p.57)</p> <p>“Tem que haver uma regra, há certas programações que têm que ser feitas. Desde que se enquadre... (...) Às vezes é impossível, nós não levamos. O trabalho é quase uma família, passamos mais tempo aqui do que em casa. E no fundo isto em vez de ser a segunda família é, se calhar, a primeira, e há inversão das coisas (...) Só chegamos à noite e saímos de manhã, quando fazemos noite só vemos a esposa no dia a seguir (...) Por norma consigo separar as águas. É a tal situação como disse ao princípio, se for uma situação em que eu fico magoado, isso deita-me abaixo psicologicamente, aí já não consigo. Fico muito mais abalado. Se for uma situação normal, que passou, vou para casa faço a minha vidinha...” (G16, p.65)</p> <p>“Sim, também vou conseguindo gerir isso (...) Não, não levo muito os problemas de trabalho. Trabalho é trabalho, conhaque é conhaque. Eu os problemas de trabalho, quando sai-o daquele portão para fora, os problemas ficam cá dentro. Não sou daqueles que vai para casa queixar-se diariamente” (G17, p.68)</p> <p>“Sim tenho, porque eu não misturo as coisas. Outra coisa é lá fora, família, não misturo as coisas. (...) Não, não levo. E penso que a minha família também não está muito preocupada com isso. Não se interessa muito com o que se passa aqui dentro (G18, p.71)</p>
--	--	---

		<p>“Também procuro ter sempre (...) Normalmente, não levo os problemas para casa. Não quer dizer que, por vezes, não fale sobre um caso ou outro mas não é por ser um problema, mas por achei, se calhar, interessante. (...) Às vezes sente o cansaço. Ou seja, depois de doze, catorze, quinze horas aqui, é natural, sinto que devia dar mais atenção e não consigo ter disposição para dar à família o suficiente” (G19, p.74)</p> <p>“Só a dormir (...) É muito difícil separar as águas. Nós acabamos sempre, quer queiramos ou não, por levar alguma coisa do serviço. Às vezes não me incomoda, mas outras vezes incomoda. E nós, depois de muitos anos de estar aqui nesta profissão, acabamos por sentir mesmo que, mesmo na rua estamos ao serviço. Isto é verdade. Corremos perigo aqui dentro e corremos perigo lá fora, porque, como eles dizem, não nasceram aqui, um dia hão-de sair. E isto, por vezes, incomoda, chateia, preocupa... Por vezes não a nós, mas à nossa família. Se eu estiver acompanhado pelo meu filho na rua e encontrar dois ou três bandidos, eu posso preocupar-me mais com o bem-estar da minha família, do que comigo próprio (...) transportamo-los para casa. Às vezes estamos mais desatentos com a família ao jantar a pensar no que aconteceu e não desabafamos, outras vezes, até desabafamos. Há uma saturação enorme (...) houve situações em que nós a dormir, até sonhávamos com aquilo e eu nem costume sonhar (...) Nós a fazermos os turnos, as noites, altera tudo, até a nossa personalidade” (G20, p.78)</p> <p>“Leva-se sempre, isso depois reflecte-se na</p>
--	--	---

		<p>relação com a família. Eu pelo menos, não consigo separar. Às vezes “<i>ah quando se sai do portão esquece-se</i>”, não se consegue esquecer. Vamos alteradas de tal maneira...” (G21, p.84)</p> <p>“A família é a principal prejudicada, não tenhamos dúvidas. Desde o stress que a gente aqui apanha, desde opa... é claro que a gente aqui tem que reprimir o sentimento e, por vezes, é complicado. Às vezes chegamos a casa e a gente explode com quem não tem culpa nenhuma, não é? (...) Temos que pensar muito bem quando pomos o pé dentro de casa “<i>fica aqui tudo, eu não levo nada</i>”. É muito difícil. Eu já não costumo falar de serviço em casa. Às vezes aparecem notícias nos jornais e sou questionado porque é que não comento (...) Chegar a casa e pegar noutra coisa. Sair de casa e deixar o que está em casa. Porque, de resto, não é conciliável. Ir daqui a pensar para casa, é muito complicado (...) outras vezes também começa a encher, não é? Há um limite, depois de vinte anos, chegar a casa e sempre a mesma coisa. Eu compreendo que haja colegas em ruptura total, são situações muito complicadas. É muito complicado quando se chocam os dois problemas, o stress de um lado, o cansaço do outro. E, se calhar, depois quem vai pagar são os filhos que não têm nada haver” (G22, p.101 e 102)</p> <p>“É assim, o tempo da família, os melhores dias da família, geralmente nós não temos, calha aos sábados e aos domingos (...) O nosso serviço é por turnos e, geralmente, se a esposa trabalha, se o filho anda na escola é durante o dia, eu à noite estou ao serviço... eles estão ao fim-de-semana</p>
--	--	--

		<p>em casa, eu estou ao serviço. Praticamente não temos muita disponibilidade para eles (...) É impossível não levar. É impossível porque as coisas vão sempre na cabeça (...) Nós, às vezes, até nos esquecemos que estamos a lidar com a família (...) Julgo que eles fazem força por compreenderem. Mas isto ao longo dos anos, tanto se deteriora da nossa parte para eles, como deles para nós, julgo eu. Quer dizer, depois deixa de ser um problema só nosso, para ser um problema deles também” (G23, p.106)</p> <p>“Também, também e ainda consigo deixar os problemas à porta da casa” (G24, p.113)</p> <p>“Também não (...) Tento não levar. O meu marido também é guarda e tentamos não falar. Mas, se calhar, há sempre um tema, há sempre um assunto (...) Não, consigo quebrar essas emoções. Por mais que digam, não é possível. É assim, pode-se suavizar mas não, não... (G25, p.117)</p> <p>“Tenho. A minha mulher também é guarda e, se calhar, entendemo-nos melhor. Se fosse doméstica ou tivesse outro emprego, se calhar, o entendimento não seria tão bom. Assim como sabemos os problemas com que nos deparamos neste trabalho, até temos um bom entendimento (...) Nunca. Zero. Aliás não falo de trabalho em casa” (G26, p.122)</p> <p>“Sim. Porque é assim, primeiro a família, sempre. Foi logo das primeiras coisas que eu fiz, primeiro a família, segundo a família, terceiro a família, depois vou estudando, com calma, sem stresses</p>
--	--	---

		<p>(...) Não (...) É lógico que todos nós temos problemas, às vezes, sou capaz de sonhar com incêndios, ou um bocado mais agitado, mas tento não falar rigorosamente nada. Só às vezes em conversa, uma coisa esporádica, ou conversas com colegas ou outros colegas que não estão no serviço, família... De vez em quando uma pessoa fala, mas no fundo nunca me exponho muito” (G.27, pp.129 e 130)</p> <p>“Nunca os deixo para trás, são a prioridade (...) Não, é muito raro falar de serviço em casa” (G28, p.134)</p> <p>“Tem-se tempo para tudo (...) A minha esposa costuma dizer que quando eu chego a casa e venho chateado, ela nota logo “<i>já te chateaste, vens muito encarnado</i>”. E quase sempre acerta” (G29, p.139)</p> <p>“Sim, também tenho. Se tiver na escala também tenho mais folgas (...) Separação nunca há, há sempre qualquer coisa que vai connosco. ” (G30, p.142)</p> <p>“Não fecho-me em mim, sou reservado, encaixo em mim... não tenho o hábito de divulgar os meus problemas a ninguém” (G31, p.145)</p> <p>“Para a família também. Não são aquelas que eu desejaria mas dentro dos nossos tempos, vamos conseguindo (...) Não, faço a distinção. O trabalho fica aqui no trabalho mas assim que sai-o à portaria... posso levar uma preocupação ou outra mas não me atinge na minha vida familiar. ” (G32, p.149)</p>
--	--	--

		<p>“Também, também (...) Nunca, nunca. Quando chego aquela porta lá em cima, esqueço que isto existe. Nunca me aconteceu” (G33, p.152)</p> <p>“Também. A família não está, só está à noite (...) Não, tento nunca fazer isso. Embora, às vezes, estamos mais chatinhos e tal, aquela coisa que a gente não nota mas está mais coiso... pronto... mais daqui, mais de acolá, mas tento nunca levar os problemas para casa” (G34, p.156)</p> <p>“Tenho (...) Às vezes tenho acordado a sonhar com isto, isso é verdade” (G35, p.158)</p> <p>“Também, também (...) Não, não. Uma coisa que eu tenho é que não falo dos problemas do serviço em casa. Às vezes pode acontecer, uma pessoa sair de casa mais irritada e isso e pode acontecer” (G36, p.162)</p> <p>“... tenho que admitir que era capaz de ser um pouco mais meigo do que o que sou hoje. Quer dizer, não posso ver as coisas desta forma. Era capaz de não me irritar com coisas que, para mim neste momento, são supérfluas, e que não fazem sentido as pessoas estarem-se a chatear, e estarem a fazer birrinhas por causa de coisas sem jeito nenhum. E as pessoas nesse sentido dizem que eu me tornei mais frio (...) Tenho. Uma das coisas que eu mais gosto é de estar com a minha família, e dói-me um pouco, por ter que estar aqui ao fim-de-semana. Normalmente as pessoas com trabalhos normais trabalham durante a semana e ao fim-de-semana estão em casa, e nós não (...) A irritabilidade que eles me criam, levo-a para casa.</p>
--	--	--

		<p>Às vezes, quando eu sai-o daqui, a vontade que eu tenho, não é bem de me isolar, ou será? É mais ter um período de paz, paz espiritual. Para isso eu, nas minhas folgas, gosto de jardinagem. (...) Ou então fazer outro tipo de trabalho, mas que não me moam a cabeça, quero que me deixem andar sossegado, faz de conta que está a fazer uma limpeza aqui ao cérebro. Às vezes não acontece, e é nessa altura que eu me irrita, e coisas pequenas que a mim não me dizem nada, e que me irritam de uma maneira” (G37, p.167, 168 e 169)</p> <p>“Não tenho família. Quer dizer tenho família mas vivo sozinho. Mas aquilo que a gente gosta de fazer às vezes não chega o tempo (...) Tem dias que consigo separar, tem dias que não... São mais os dias em que não consigo separar porque entrego-me muito ao trabalho, então em conhecimentos, leitura e não sei quê” (G38, p.172)</p> <p>“Eu costumo dizer que a família está em primeiro, em segundo, em terceiro lugar, em quarto, em quinto e depois é que vêm o serviço. (...) Eu normalmente funciono tipo interruptor, quando sai-o desligo. Exceptuando quando o meu pico de stress anda tão lá em cima... bom, mas não levo, daqui não vai qualquer comentário para casa. Muito raramente o faço” (G39, p.182)</p> <p>“Sim, também. Isso para mim é o principal de tudo (...) Às vezes posso levá-los, mas não os transmito a ninguém. Nunca. Às vezes posso falar lá em casa, mas coisas engraçadas que se passaram (...) Eu, por exemplo, tenho um rapazito com nove anos, e até a minha filha com</p>
--	--	--

		<p>quinze, às vezes eu percebo que ao falar, grito, dou gritos, mas não reajo violentamente. É aquilo e acabou, não passo dali (...) Fiquei mais impulsivo, sinto mais, como se diz, os nervos à flor da pele” (G40, p.191)</p>
<p>Serviços de Apoio Psicológico</p>		<p>“Recorreria. Porque acho que nós precisávamos de um apoio também dessa parte, precisávamos de ajuda. Era muito, muito importante. Talvez não existissem tantos desentendimentos, tantos conflitos (...) Porque vezes os colegas de trabalho não têm as mesmas ideias. Eu próprio tenho momentos de depressão, andamos aqui a sofrer 24h” (G1, p.4).</p> <p>“Havia de haver porque há colegas com problemas familiares, mesmo divórcios e tudo, e eles não têm apoio de ninguém. É como eu, já me senti mal dentro do serviço. Às vezes sinto que estou a mais, ou que não estou bem aqui. Eu para andar bem, tenho que andar bem comigo próprio, senão não ando bem aqui” (G2, p.8).</p> <p>“Ai recorria. Nem que fosse para ir lá falar com o psicólogo. Acho que poderia ajudar a resolver alguns problemas (...) todos nós temos problemas. Uns não admitem, uns admitem mais que outros. Têm dificuldades, têm carência (...) O psicólogo tem uma perspectiva diferente da questão e poderia dar um apoio diferente” (G3, p.15)</p> <p>“Não, não sinto necessidade disso” (G4, p.18).</p> <p>“Eu acho que não é mal vindo, são sempre bem-vindos esses assuntos, para quem necessitar</p>

		<p>deles. Eu não acho que, até à data, tenha necessidade disso. Não tenho o stress do serviço, até ver, também já poucos anos faltam” (G5, p.21)</p> <p>“Neste momento não sinto necessidade, mas eu também só tenho dez anos disto (...) De fato, há uns que precisam mais, outros menos” (G6, p.28)</p> <p>“Não, não sinto que precisa” (G7, p.31)</p> <p>“Eu acho que sim. Nomeadamente as outras forças de segurança, acho que a GNR tem e a PSP também, e acho que devia haver aqui também. Neste serviço, eu penso que é premente (...) Um dia difícil aqui, é um dia em que lá para fora também vai ser. Os nossos dias difíceis aqui nos serviços prisionais, são mais difíceis do que nos dias lá fora” (G8, p.33 e 34)</p> <p>“Sim” (G9, p.37)</p> <p>“Não. Os psicólogos não têm nada na cabeça, a não ser que fosse uma psicóloga que fosse guarda-prisional ao mesmo tempo para sentir a realidade das situações. Estar atrás de uma secretária não é a mesma coisa que estar no terreno (G10, p.40)</p> <p>“Eu acho que até fazia falta. Nós lidamos sobre pressão e às vezes faz falta uma conversa” (G11, p.44)</p> <p>“Como membro do sindicato, do conselho consultivo, há muitos anos que andamos a pedir</p>
--	--	--

		<p>apoio psicológico para os guardas. Temos muitos guardas com baixa psiquiátrica... temos um grande número de guardas, mesmo com problemas do foro psiquiátrico, basta ver em termos das taxas de divórcio no nosso serviço, é muito alto e, cada vez, vai aumentar mais” (G12, p.48)</p> <p>“... eu não acredito muito nos psicólogos, não sei porquê” (G13, p.54)</p> <p>“Eu recorria porque já recorri também já andei a ser acompanhado por psiquiatras e tudo. Também é complicado porque os anos vão passando e uma pessoa sente certas dificuldades, tem que começar a ser tratado. Eu acho que nenhum indivíduo devia entrar aqui sem uma avaliação em psicologia” (G14, p.59).</p> <p>“... se eu achasse necessário sim. Só nessa medida, tirando isso não. Penso que é sempre bom a gente falar com outras pessoas que têm outras opiniões, outras maneiras de estar, outros conhecimentos. Penso que, quando nós temos uma dúvida entre nós, ou entre nós próprios é bom aconselharmo-nos com quem nos possa dar uma ajuda, mais que não seja um apoio” (G15, p.66)</p> <p>“Na minha maneira de ver não iria pôr esta situação de parte (...) Todos deveríamos passar por lá” (G16, p.74)</p> <p>“Sim, se houvesse serviços de psicologia não tinha problemas em recorrer. E acho que era necessário, devido ao nosso trabalho, ser um</p>
--	--	--

		<p>trabalho cheio de problemas, acho que devíamos ter uma equipa de psicologia para nos atender quando nós necessitássemos” (G17, p.79)</p> <p>“Quer dizer... eu por acaso nunca recorreria mas se calhar era uma serviço importante. A qualquer altura acho que podia ter alguma utilidade” (G18, p.81)</p> <p>“É preciso. É necessário porque nós para além de profissionais somos pessoas com fraquezas, com necessidades, com problemas, com inseguranças e não só. Às vezes também financeiros e familiares e conseguir manter o equilíbrio total não é fácil (...) pequenos medos, pequenas angústias que nos atormentam, e que se pudéssemos ter alguém com que partilhar ou desabafar seria bom para ultrapassarmos esta situação. Contudo, é certo que na cultura (profissional) em que estamos não é fácil as pessoas se abrirem, vivem com elas o problema e mantêm-no durante muito tempo. Mas para muitos é essencial” (G19, p.85)</p> <p>“Sim, claro e acho que é necessário. Não estou a dizer que faria isso, se calhar, sistematicamente, mas, quando necessário, sim. Porque não? Há muitos guardas que poderiam não recorrer porque têm medo e receio dos outros dizerem assim (...) mas acho que deviam fazer. Há muita gente que recorre a outras coisas, sem ser a psicologia, como o álcool, por exemplo. Quantos e quantos guardas não bebem mais uns copos por causa disso, por não conseguirem desabafar, ou desligar dos problemas. E depois começa-se a tornar uma bola de neve” (G20,</p>
--	--	--

		<p>p.89)</p> <p>“Ai, sim. E penso que até psiquiatria muita gente também. É a tal situação, não posso dizer que é uma situação profissional, ou uma situação particular, mas as coisas também se chocam” (G21, p.96)</p> <p>“Eu acho mesmo que deveria existir. Tivemos aqui um colega que precisou de apoio e as duas psicólogas disseram que só estavam para os reclusos (...) Portanto eu acho que deveria haver, não digo em cada estabelecimento mas um lugar ou alguém formado em psicologia para dar apoios a colegas. Evitava-se muita coisa. Estão a aturar os reclusos mas esquecem-se que os serviços de vigilância precisam tanto ou mais que os reclusos (...) os guardas ficam um bocadinho “empanturrados” no conhecimento, na sabedoria... Por vezes, acho que há uma assimilação de comportamentos do guarda pelo recluso (G22, p.101 e 102)</p> <p>“Eu continuo a dizer, essa parte era fundamental” (G23, p.110)</p> <p>“Eu acho que devia haver porque nós, às vezes, criamos se calhar confusões ou não entendemos determinadas coisas porque andamos debaixo de uma pressão tão grande. A primeira coisa é que sentimos que ninguém nos dá valor (...) Por mais que a gente não queria aceitar, doutores e direcção é uma parte e guardas é outra” (G24, p.113).</p>
--	--	--

		<p>“Recorreria. Acho que era muito bom se houvesse, assim como há para os reclusos também deviam haver para os funcionários, não só para guardas mas para toda a gente” (G25, p.118)</p> <p>“ Epa necessário, necessário, se calhar, até é. Não era de todo prejudicial, quem de direito se debruçasse sobre isso e ter alguma iniciativa nesse sentido. Há realmente quem o precisa. Eu digo isto porque estou-me a basear na elevada taxa de divórcio que há nesta profissão, (...) mas há um grande índice de alcoolismo, pessoas viradas para o álcool, e isso, se calhar seria motivo para a pessoa falar com alguém, desabafar com alguém, tentarem analisar os seus problemas” (G26, p.123)</p> <p>“Se tivesse algum problema psicológico qualquer recorria. Para colegas... existem aí casos complicados... Muitos funcionários, guardas prisionais que precisam urgentemente de receber tratamento psicológico e até psiquiátrico (...) Chegamos a uma certa altura, em relação a colegas que estão lá em fim de carreira, que só querem chegar ao fim da carreira e acabou. Parece que não ligam aquilo que estão a fazer diariamente... e estarem aqui, ou não estarem (...) Não pode ser, isto tem que ser rigoroso porque nós andamos no meio de condenados (...) temos que ter sempre o pé atrás com aquilo que fazemos, temos que saber receber uma ordem e acatá-la da melhor forma, tentar cumprir esses objectivos. Só que há colegas nossos que deixam um bocadinho a desejar (...) Aliás, mesmo que não seja por</p>
--	--	--

		<p>iniciativa deles, de colegas a procurarem o serviço, porque não vai ser... o grande problema é esse... porque para eles está tudo bem, eles são assim, não têm problema nenhum. Mas as pessoas não querem assumir os problemas que têm. Eu acho que devia existir uma certa iniciativa da parte da direcção geral em chamar regularmente esses funcionários. Não só a nível de guardas, também educadores (...) Se eles não interessam lá foram e colocam-nos cá dentro, temos que saber gerir isso. Não é fácil” (G27, p.131)</p> <p>“Se eu achasse que precisava não tinha problema nenhum (...) Nesta cadeia, se calhar, não mas noutras onde o ambiente se calhar é mais pesado, fazia falta” (G28, p.134)</p> <p>“Quer dizer, eu não sei. Não lhe posso dizer se recorria ou não (...) não sei o que é que uma psicóloga clínica poderia ajudar a resolver os problemas. Os meus problemas são cansaço, saturação... é muito cansativo... sou eu que oiço os reclusos quando eles se portam mal (G29, p.140)</p> <p>“Sim, porque não?” (G30, p.143)</p> <p>“Talvez recorre-se, derivado ao passado. Fiquei um bocado afectado” (G31, p.146)</p> <p>“Presentemente, não era necessário, amanhã ou depois... para os colegas penso que seria uma boa ajuda, mas para mim não, acho que não” (G32, p.149)</p>
--	--	--

		<p>“Para mim não seria necessário, mas há colegas meus que precisam. Acho que esse serviço deve existir, pessoalmente, da minha parte acho que não tenho necessidade de recorrer a isso” (G33, p.152)</p> <p>“A cabeça em si é muito difícil, penso que... Epa é assim, se há psicólogos e psiquiatras é porque há um estudo sobre isso, mas acho que é muito complicado” (G34, p.156)</p> <p>“Eu acho que não” (G35, p.159)</p> <p>“Sim, eu acho necessário” (G36, p.162)</p> <p>“Eu acho que deviam existir. Existem cadeias, sectores do estabelecimento que nos dão cabo da cabeça. A gente chega ao fim do dia e era necessário que às vezes nos deixassem ter algum acompanhamento (...) descontrolamos o sono, muitos de nós, refugiam-se em álcool em tabaco e não sei quê, e acho que se nos pudessem ajudar nesse sentido era benéfico (G37, p.169)</p> <p>“Acho necessário, muito necessário um psicólogo a acompanhar especificamente os guardas. Isso era essencial. Cada um vive o trabalho da maneira que vive, outros vivem “afogados” que chega a um ponto em que sufoca. Depois tem que sair alguma coisa cá para fora, pode explodir bom e pode explodir mau” (G38, p.172)</p> <p>“Eu nem diria necessário, diria mais essencial (...) Só quem está é que sabe os distúrbios que isto traz, que nos influenciam, até que chegam ao ponto em que eu noto que há pessoas que ficam</p>
--	--	---

		<p>completamente descontroladas, pessoas que até nem bebem álcool (...) Eu tenho muito poucos amigos aqui, tenho o académico, tenho outros mundos, o mundo do desporto... acho que isso é essencial (...) Isto é um meio tão envolvente, o stress é tal elevado, quando uma pessoa não tem outro grupo de pessoas, outro refúgio, digamos assim, a carga é muito maior” (G39, p.183)</p> <p>“É assim, vamos lá a ver uma coisa, eu felizmente nunca recorri a esses serviços e não imagino o que é (...) Sinceramente não sei até que ponto é que os serviços de psicologia são influenciáveis, não estou a falar para o corpo de guarda prisional, estou a falar para o ser humano. Eu, felizmente, nunca precisei deles” (G40, p.191).</p>
Outros		<p>“O trabalho, hoje em dia, é importante para as pessoas. Tenho que manter algum nível de actividade, exigência na aplicação do próprio trabalho. Sob correr o risco “<i>opa tu não serves para a função</i>”, e põem-me a um canto (...) Ou porque não tem condições, ou competências” (G3, p.14)</p> <p>“A nível de hierarquia nós não somos valorizadas, muitas, muitas vezes eles dizem “<i>ah as guardas femininas não fazem nada</i>”. A nível de opinião também não temos grande opinião. A nível de população reclusa, é uma faixa etária que também é fácil, é a rebeldia só da idade, e nunca tivemos problemas. A nível de reclusos, não temos problemas com eles. Agora a nível de hierarquia e colegas é que todas somos isto e aquilo” (G21, p.95)</p>

		<p>“... a gente está um bocadinho devotado ao abandonado. Achem que os serviços prisionais só servem para uma coisa... a maior parte dos senhores antigos, dos senhores “Velhos do Restelo”, pensam que o serviço prisional só serve para pegar numa chave, para abrir e para fechar. O serviço de vigilância tem mudado muito, aliás há pessoas que lutaram muito para conseguirem, a nível de formação profissional, irem estudando e acompanhando. Melhorou significativamente desde a altura em que eu entrei, já lá vão vinte e dois anos, e ainda bem...” (G22, p.98)</p> <p>“Mas eu continuo a dizer, o serviço de vigilância, a farda, continua sempre a estar em segundo plano. Precisam de nós, usam-nos, não nos usam, encostam-nos a um canto” (G22, p.103)</p> <p>“Há reclusos que talvez por ser mulher se controlem mais. Mas também já deixa de haver isso, com estas idades já não há diferenças entre mulher e homem. Para eles é farda, mais nada. Só vêem a farda, não vêem se eu sou mulher, ou se sou homem, é a farda. Com os colegas não noto diferenças” (G25, p.116)</p> <p>“Tendem a ver os guardas como “carcereiros com chaves”, que estão aqui para abrir e fechar presos. Somos um bocado desvalorizados. E as pessoas continuam-nos a ver assim, esquecem-se que somos pessoas, que os reclusos são pessoas. Não estamos aqui só para abrir e fechar celas” (G40, p.184)</p>
--	--	--